

HENRY JAMES

Vida de artista  
QUATRO CONTOS SOBRE PINTORES

Tradução  
CLÁUDIO FIGUEIREDO

JOSÉ OLYMPIO  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2012

## O mentiroso

### I

O TREM ATRASARA meia hora e o percurso desde a estação era mais demorado do que havia imaginado, de modo que, ao chegar a casa, seus ocupantes se haviam dispersado para se vestir antes do jantar, e ele fora conduzido diretamente ao seu quarto. As cortinas haviam sido baixadas naquele refúgio, as velas estavam acesas, o fogo ardia e, depois de o criado rapidamente tirar suas roupas da mala, aquele lugar pequeno e confortável se tornara sugestivo — parecia prometer uma casa agradável, um grupo variado, conversas, conhecidos, afinidades, para não falar de muita animação. Estava ocupado demais com sua profissão para fazer muitas visitas ao campo, mas ouvira outras pessoas que dispunham de mais tempo falarem de residências em que “nos tratam muito bem”. Previu que os proprietários de Stayes iriam tratá-lo muito bem. Ao ocupar seu quarto numa casa de campo, sempre olhava primeiro os livros nas estantes e as gravuras nas paredes. Acreditava que essas coisas ofereciam a medida da cultura e mesmo da personalidade de seus anfitriões. Ainda que nessa ocasião tivesse pouco tempo para se dedicar a elas, uma rápida inspeção assegurou-lhe que, se a literatura, como de

costume, limitava-se à americana e de cunho humorístico, a arte, por sua vez, não consistia em estudos de crianças em aquarela, nem de gravuras comerciais. As paredes estavam cobertas com litografias antiquadas, principalmente retratos de cavalheiros do campo, com colarinhos altos e luvas de equitação: isso sugeria — e era algo encorajador — que a tradição do retratismo era valorizada. Havia o costumeiro romance do Sr. Le Fanu, na cabeceira; leitura ideal para as horas da madrugada numa casa de campo. Enquanto abotoava a camisa, Oliver Lyon mal podia esperar a hora de começar.

Talvez por isso, ao descer, tenha não apenas encontrado todos reunidos no salão, como também percebido, pelo modo como se puseram imediatamente a caminho para jantar, que haviam ficado esperando por ele. Não demoraram a apresentá-lo a uma dama, e destacou-se de um grupo variado de homens, sem arrastar atrás de si esse complemento. Os homens, deixando-se ficar para trás, à parte, avançaram como sempre discretamente, pouco a pouco, junto ao umbral da sala de jantar, e o desfecho dessa pequena comédia foi o fato de ter sido o último a tomar lugar à mesa. Isso fez com que pensasse que estava numa companhia suficientemente distinta, pois, se tivesse sido humilhado (o que não acontecera), não poderia ter-se consolado com a reflexão de que esse destino seria algo natural para um artista jovem e obscuro, ainda em busca de uma posição. Infelizmente, não podia mais pensar em si mesmo como alguém muito jovem e, se a sua situação não era tão brilhante quanto deveria, não poderia mais justificar o fato afirmando estar ocupado com a luta travada pelos iniciantes. Era uma espécie de celebridade e, aparentemente, se encontrava na companhia de celebridades. Essa ideia veio se somar à curiosidade com que olhou para um lado e para o outro da longa mesa enquanto se sentava em sua cadeira.

Tratava-se de um grupo numeroso — 25 pessoas; era uma circunstância um tanto fora do comum que se apresentava, pensou.

Não estaria cercado pelo sossego que é tão propício ao trabalho; contudo, o fato de observar o espetáculo humano nos intervalos nunca interferira em seu trabalho. E, ainda que não soubesse, nunca havia sossego em Stayes. Quando trabalhava bem, encontrava-se nessa condição feliz — a mais feliz para um artista — em que as coisas em geral contribuem para a ideia particular e acabam se encaixando nela, ajudando-a e justificando-a, de modo que, nesse momento, sente que nada no mundo pode lhe acontecer, mesmo que surja sob a forma de um desastre ou de sofrimento, que não seja uma contribuição para seu tema. Além disso, havia um sentimento de exaltação (tinha sentido aquilo antes) na rápida mudança de cenário — o salto, nas sombras do fim da tarde, da Londres envolvida pela neblina e o ateliê que lhe era familiar para um centro de uma festividade no meio de Hertfordshire e de um drama meio encenado, um drama envolvendo mulheres bonitas e homens conhecidos e maravilhosas orquídeas em jarros de prata. Registrou como sendo de não pouca importância o fato de uma das mulheres bonitas estar junto dele: um cavalheiro sentara-se do outro lado. Mas mal havia tido tempo de sondar a vizinhança: estava ocupado procurando por Sir David, a quem jamais tinha visto e sobre o qual era natural que estivesse curioso.

Evidentemente, contudo, Sir David não estava no jantar, uma circunstância suficientemente explicada por outra circunstância que vinha a ser a principal informação que nosso amigo detinha a seu respeito — o fato de ter 90 anos. Oliver Lyon considerava com grande prazer a possibilidade de pintar um nonagenário e, ainda que a ausência do ancião à mesa fosse, em certa medida, um desapontamento (era uma oportunidade a menos de observá-lo antes de se pôr a trabalhar), parecia um indício de que era como que sagrado e talvez, por isso mesmo, uma relíquia fascinante. Lyon olhava para o filho dele com grande interesse — imaginava se o viço reluzente em

sua face fora transmitido por Sir David. No velho, teria sido divertido pintar aquilo — o aspecto rosado e ressecado de uma maçã no inverno, especialmente se os olhos ainda se mostrassem animados e se os cabelos brancos amenizassem um pouco a aparência enregelada. O cabelo de Arthur Ashmore apresentava o brilho de meados do verão, mas Lyon estava feliz que o trabalho que lhe fora encomendado fosse o de retratar o pai, e não o filho, apesar de nunca ter visto um e de o outro estar sentado bem à sua frente naquele momento, ocupado em demonstrar sua generosa hospitalidade.

Arthur Ashmore era um cavalheiro inglês de aparência saudável e pescoço grosso, mas não era em si um tema; poderia ter sido um fazendeiro e poderia ter sido um banqueiro: teria sido quase impossível pintá-lo associando-o a um papel específico. Sua mulher não compensava esse fato: era uma mulher robusta, animada e negativa, que transmitia a mesma impressão do marido de ser, de algum modo, incrivelmente nova, um tipo de aparência que sugeria verniz fresco (Lyon não conseguia dizer se isso vinha de seu aspecto físico ou de suas roupas), de modo que as pessoas sentiam que ela deveria estar instalada numa moldura dourada, algo associado a um catálogo ou a uma lista de preços. Era como se ela já fosse um retrato bastante ruim, ainda que caro, confeccionado por mão eminente, e Lyon não sentia a menor vontade de copiar essa obra. A mulher bonita à sua direita estava ocupada com seu vizinho, enquanto o cavalheiro sentado junto a ela do outro lado parecia se encolher, amedrontado, de modo que lhe sobrava tempo para se entregar à sua distração favorita, examinando um rosto depois do outro. Essa diversão lhe proporcionava o maior prazer que conhecia e, muitas vezes, chegava à conclusão de que era uma bênção o fato de a máscara humana interessá-lo assim, e que isso não era menos vívido agora do que fora antes (às vezes, seu sucesso dependia estritamente disso), já que estava destinado a ganhar a vida

reproduzindo-a. Mesmo que Arthur Ashmore não se mostrasse um tema inspirador a ser pintado (sentiu certa ansiedade pensando que, se obtivesse sucesso com seu sogro, a Sra. Arthur poderia meter na cabeça que teria agora provado estar à altura de pintar seu marido); mesmo que tivesse se mostrado pouco menos que uma página (satisfatória quanto às letras e às margens) sem pontuação, ainda seria uma superfície nova e lustrosa. Mas o cavalheiro a quatro pessoas de distância — quem era ele? Teria sido um bom tema. Ou seria sua face apenas a placa legível afixada na porta de sua identidade, meticulosamente polida e barbeada — a coisa mais decente que poderia ser conhecida a seu respeito?

Aquele rosto fez com que Oliver Lyon se detivesse: a princípio, deu-lhe a impressão de ser muito bonito. Um cavalheiro que ainda poderia ser considerado jovem, com feições regulares: tinha um bigode denso e elegante, com as pontas retorcidas, uma aparência animada, audaz, quase aventureasca, e um grande e brilhante alfinete no peito da camisa. Transmitia a impressão de uma alma satisfeita consigo mesma, e Lyon percebeu que, onde quer que seus olhos amistosos se detivessem, exerciam um efeito tão agradável quanto o do sol de setembro — como se tivesse a capacidade de fazer amadurecer uvas e peras ou mesmo afeição humana com seu olhar. O que era estranho nele era certa mistura do correto com o extravagante: como se fosse um aventureiro imitando, com rara perfeição, um cavalheiro, ou um cavalheiro que tivesse cedido ao capricho de sair por aí com armas escondidas. Poderia ser um príncipe destronado ou o correspondente de guerra de um jornal: representava tanto o espírito empreendedor quanto a tradição, boas maneiras e mau gosto. Lyon, por fim, começou a conversar com a dama a seu lado — dispensando, como ocorrera em jantares anteriores, a necessidade de apresentações —, perguntando quem poderia ser aquele personagem.

— Ah, é o Coronel Capadose, não sabia?

Lyon não sabia e pediu mais informações. Sua vizinha parecia ser sociável e, evidentemente, estava habituada a transições bruscas; ela desviou o rosto de seu outro interlocutor em uma atitude metódica, como um chefe de cozinha que levanta a tampa da próxima panela.

— Passou muito tempo na Índia. É bastante conhecido, não? — perguntou ela.

Lyon confessou que jamais ouvira falar dele e ela prosseguiu.

— Bem, talvez não seja; mas ele diz que é e, se pararmos para pensar, é quase a mesma coisa, não é?

— Se você pensa assim...

— Quero dizer, se ele pensa assim. É mais ou menos a mesma coisa, suponho.

— Quer dizer que ele determina quem não é conhecido?

— Ah, meu caro, não, porque nunca sabemos. Ele é incrivelmente inteligente e divertido. A pessoa mais inteligente nesta casa, a não ser, é claro, que você seja mais do que ele. Mas isso ainda não posso saber, posso? Só sei sobre as pessoas que conheço; e acho que já temos celebridades suficientes!

— Suficientes para eles?

— Ah, vejo que é inteligente. Suficientes para mim! Mas já ouvi falar de você — prosseguiu a senhora. — Conheço seus quadros; eu os admiro. Mas não acho que se pareça com eles.

— Em sua maioria, são retratos — disse Lyon. — E aquilo que busco não costuma ser minha semelhança.

— Entendo o que quer dizer. Mas eles têm muito mais cor. E agora vai pintar alguém que está aqui?

— Fui convidado para pintar um retrato de Sir David. Fiquei um tanto desapontado por não o ver aqui esta noite.

— Ah, ele vai para a cama numa hora estranha, às oito horas da noite ou algo do tipo. Sabe que já é uma múmia velha...

— Uma múmia velha? — repetiu Oliver Lyon.

— Quero dizer, usa uma dúzia de coletes e esse tipo de coisa. Está sempre com frio.

— Nunca o vi, nem vi qualquer retrato ou fotografia sua — declarou Lyon. — Estou surpreso que nunca se tenha feito nada do tipo, que tenham esperado todos esses anos.

— Ah, isso é porque está com medo, você sabe, era uma espécie de superstição. Tinha certeza de que, se algo fosse feito, morreria logo depois. Só agora consentiu.

— Então está pronto para morrer?

— Ah, agora está tão velho que já não se importa mais.

— Bem, espero que não vá matá-lo — disse Lyon. — Foi um tanto estranho o fato de seu filho ter mandado me buscar.

— Ah, eles não têm nada a ganhar com isso; tudo já pertence a eles! — acrescentou sua companhia, como se ela tivesse tomado sua afirmação no sentido literal. Sua tagarelice era sistemática, e ela confraternizava de modo tão sério como se jogasse uma partida de *whist*. — Fazem o que querem; encham a casa de gente e têm carta branca.

— Entendo, mas ainda há o título.

— Sim, mas qual é?

Nosso artista, ao ouvir isso, deu uma gargalhada, enquanto a mulher o olhava, perplexo. Antes que tivesse se recuperado, ela já se ocupava com o outro vizinho. O cavalheiro à sua esquerda arriscou-se, afinal, a fazer uma observação, e eles se entregaram a uma conversa entrecortada. Esse personagem se desincumbia de seu papel com dificuldade: murmurou um comentário do mesmo modo como uma dama dispara uma arma, olhando para a outra direção. Para não perder nada, Lyon teve de inclinar seu ouvido, e esse movimento fez com que observasse uma bela criatura sentada no mesmo lado da mesa, para além de seu interlocutor. Seu

perfil se mostrava diante dele e, a princípio, foi apenas sua beleza que lhe chamou a atenção; então, produziu uma impressão ainda mais agradável — uma sensação de lembrança distinta, que sugeria uma associação íntima. Só não a reconheceu de pronto porque não esperava em absoluto vê-la naquele lugar; não a tinha visto em parte alguma por tanto tempo, e nunca mais recebera notícias dela. Frequentemente ocupava seus pensamentos, mas saíra de sua vida. Pensava nela duas vezes por semana; o que pode ser considerado uma grande frequência, tratando-se de uma pessoa a quem não vemos há doze anos. No momento em que a reconheceu, percebeu como era verdadeira a sensação de que só ela poderia exibir aquela aparência: da cabeça mais encantadora do mundo (e aquela dama a possuía), não podia ser feita nenhuma réplica. Estava inclinada ligeiramente para a frente; ela permaneceu de perfil, aparentemente ouvindo alguém a seu lado. Estava escutando, mas também olhando, e, depois de um momento, Lyon acompanhou a direção de seus olhos. Eles repousavam sobre o cavalheiro que havia sido descrito como o Coronel Capadose — repousavam, pareceu-lhe, com uma evidente complacência, que parecia habitual. Isso não era estranho, pois o coronel inegavelmente estava acostumado a atrair o olhar imbuído de simpatia de uma mulher; mas Lyon se via desapontado por ela deixar que a fitasse durante tanto tempo sem lhe dirigir sequer um olhar. Não havia nada entre ambos atualmente e ele não detinha direitos sobre ela, mas ela devia saber que ele estava prestes a chegar (é claro que não se tratava de um acontecimento de tanta importância, mas não poderia estar hospedada na casa e deixar de saber disso), e não era natural que isso deixasse de afetá-la por completo.

Olhava para o Coronel Capadose como se estivesse apaixonada por ele — circunstância curiosa, em se tratando da mais orgulhosa e reservada das mulheres. Mas, sem dúvida, tudo estava certo, quer

seu marido aprovasse ou não tivesse percebido: anos antes, ouvira uma vaga referência a seu casamento, e partia do pressuposto (como não ouvira falar que tivesse ficado viúva) de que estava presente ali o felizardo a quem ela concedera o que havia negado a ele, um pobre estudante de arte de Munique. O Coronel Capadose não parecia ciente de nada, e essa condição, de modo um tanto incongruente, irritava Lyon, em vez de lhe dar satisfação. De súbito, a dama virou a cabeça, mostrando inteiramente o rosto a nosso herói. Estava de tal modo preparado para cumprimentá-la que sorriu instantaneamente, do mesmo modo que um jarro transborda ao ser sacudido; mas ela não deu sinal de resposta, virou-se para o outro lado e afundou na cadeira. Tudo que seu rosto disse naquele instante foi: "Está vendo como continuo mais linda do que nunca"? Ao que ele retrucou mentalmente: "Sim, e isso continua a me fazer bem!" Perguntou ao jovem do lado se sabia quem era aquela criatura maravilhosa — a quinta pessoa a contar dele. O jovem se inclinou para a frente, refletiu e então disse:

— Acho que é a Sra. Capadose.

— Quer dizer, a mulher dele, daquele sujeito? — E Lyon indicou o objeto da informação que lhe fora passada pelo outro vizinho de mesa.

— Ah, aquele é o Sr. Capadose? — indagou o jovem, que parecia muito vago.

Admitiu sua falta de objetividade e justificou-a dizendo que havia ali muitas pessoas e ele chegara apenas no dia anterior. O que parecia a Lyon um fato incontestável era que a Sra. Capadose estava apaixonada por seu marido; então desejou mais do que nunca ter-se casado com ela.

— Ela é muito fiel — descobriu-se dizendo três minutos mais tarde à senhora a seu lado. Acrescentou que se referia à Sra. Capadose.

— Ah, então a conhece?

— Conheci-a certa vez, quando vivia no exterior.  
— Então por que estava me perguntando a respeito do marido dela?  
— Precisamente por essa razão. Ela se casou depois, e eu sequer sabia seu nome atual de casada.  
— E como sabe agora?  
— Este cavalheiro acabou de me dizer, ele parece saber.  
— Não sabia que ele sabia de tudo — disse a dama, olhando para a frente.  
— Não acho que ele saiba algo além disso.  
— Então descobriu, por conta própria, que ela é fiel. O que quer dizer com isso?  
— Ah, vocês não devem me fazer perguntas; eu é que quero perguntar a vocês — comentou Lyon. — O que todos aqui acham dela?  
— Você faz perguntas demais! Só posso falar por mim. Acho que ela é dura.  
— Isso porque ela é direta e franca.  
— Quer dizer que gosto das pessoas quando elas são dissimuladas?  
— Acho que todos nós gostamos, enquanto não descobrimos quem elas são — disse Lyon. — E então há algo no rosto dela, algo romano, apesar de ela ter olhos bem ingleses. Na verdade, ela é inglesa da cabeça aos pés; mas a cor de sua pele, sua fronte baixa e aquela maravilhosa pequena ondulação em seus cabelos negros fazem com que ela pareça uma gloriosa *contadina*.<sup>1</sup>  
— Sim, e ela está sempre enfiando grampos e espetos na cabeça, para acentuar o efeito. Devo dizer que prefiro seu marido: é muito inteligente.  
— Bem, quando a conheci, não existia ninguém que pudesse ser comparado a ela. Era pura e simplesmente o que havia de mais adorável em Munique.

<sup>1</sup>Camponesa, em italiano. (N. do T)

— Munique?  
— A família dela morava lá; não eram ricos. Na verdade, estavam tentando economizar, e a vida é muito barata em Munique. Seu pai era o filho caçula de alguma família nobre; havia casado uma segunda vez e tinha uma porção de pequenas bocas para alimentar. Ela era filha da primeira esposa e não gostava da madrasta, mas era simpática com os pequenos irmãos e irmãs. Certa vez, desenhei um esboço dela como a Charlotte de *Werther*, cortando pão e manteiga enquanto todos se amontoavam à sua volta. Todos os artistas do lugar estavam apaixonados por ela, mas ela não se dignava a olhar para gente “como nós”. Era orgulhosa demais, posso garantir isso, mas não parecia presunçosa, nem era uma jovem querendo assumir ares de uma “dama”. Assumia essa atitude de maneira simples, franca e amável. Ela costumava me lembrar de Ethel Newcome, a personagem de Thackeray. Ela me disse que precisava fazer um bom casamento: era a única coisa que podia fazer por sua família. Suponho que se pode dizer que ela fez um bom casamento.  
— Ela lhe falou isso? — indagou, sorrindo, o vizinho de Lyon.  
— Ah, é claro que eu também a pedi em casamento. Mas, evidentemente, ela também deve achar que fez um bom casamento!  
— acrescentou.  
Quando as senhoras deixaram a mesa, o anfitrião, como de costume, reuniu os cavalheiros, de modo que Lyon se viu, ele mesmo, diante do Coronel Capadose. Toda a conversa girava em torno da “corrida”, já que, aparentemente, havia sido um ótimo dia no campo de caça. A maioria dos cavalheiros comunicou suas aventuras e opiniões, mas a voz agradável do Coronel Capadose era a mais audível no coro. Tratava-se de um órgão animado, vívido, porém masculino, exatamente a voz que, na visão de Lyon, um “homem atraente” como aquele deveria ter. De suas observações, concluía-se que montava muito bem, o que, no entender de Lyon, também

seria de se esperar. Não que contasse vantagens, pois suas alusões eram sempre muito tranquilas e feitas de modo casual; mas eram todas a respeito de experimentos arriscados, que, por pouco, não acabavam mal. Depois de algum tempo, Lyon se deu conta de que a atenção que o grupo concedia aos comentários do coronel não correspondiam diretamente ao interesse que pareciam suscitar. Em consequência disso, aquele que estava com a palavra, percebendo que pelo menos ele o estava ouvindo, começou a tratá-lo como seu ouvinte particular e a fixar o olhar nele enquanto falava. A Lyon, nada restava a fazer a não ser expressar simpatia e concordância — o Coronel Capadose parecia não contar com outra reação a não ser simpatia e concordância. Um cavaleiro ao seu lado havia sofrido um acidente; fora vítima de uma queda num local perigoso — já ao final da caçada —, com consequências que pareciam graves. Levou uma pancada na cabeça; pela última informação que se tinha, continuava inconsciente: o cérebro evidentemente havia sofrido um impacto. Trocavam-se impressões em relação à sua recuperação — quando ela ocorreria ou se de fato chegaria a ocorrer. Isso levou o coronel a confessar ao nosso artista do outro lado da mesa que não se deveria perder a esperança a respeito de um sujeito, mesmo que não recobrasse os sentidos por semanas — e semanas, semanas e semanas —, por meses, quase por anos. Ele se inclinou para a frente; Lyon se inclinou para ouvir e o Coronel Capadose mencionou que sabia, por experiência pessoal, que, na verdade, não havia um limite para alguém ficar inconsciente sem, mesmo assim, piorar por causa disso. Acontecera com ele na Irlanda, anos antes: tinha sido lançado para fora de uma carruagem de duas rodas, dera um salto mortal e caíra de cabeça. Pensaram que estivesse morto, mas não estava; havia sido carregado, a princípio, para a primeira cabana que viram, onde ficou deitado por alguns dias com os porcos, e depois para uma estalagem numa cidade vizinha — foi o mais perto que

chegaram de colocá-lo debaixo da terra. Permanecera completamente insensível — sem sombra que fosse do reconhecimento de qualquer coisa humana — durante três meses inteiros; não havia experimentado um lampejo que fosse de consciência a respeito do que quer que fosse. Sua situação era mais do que precária, a ponto de não poderem aproximar-se dele, nem alimentá-lo, mal podiam olhá-lo. E então, certo dia, abriu os olhos — saudável como nunca!

— Palavra de honra que aquilo me fez bem. Fez com que meu cérebro descansasse.

Parecia insinuar que, com uma inteligência tão ativa quanto a dele, esses períodos de repouso eram providenciais. Lyon achou impressionante sua história, mas gostaria de perguntar se não a havia falseado um pouco — não ao contá-la, mas ao se expressar de forma tão tranquila. Contudo, hesitava em insinuar uma dúvida; estava impressionado demais com o tom com que o Coronel Capadose dissera que, por muito pouco, não o haviam enterrado vivo. Isso tinha acontecido com um amigo seu na Índia — um sujeito que julgavam morto, vítima de uma febre tropical, meteram-no dentro de um caixão. Preparava-se para contar o que acontecera posteriormente com esse infeliz cavaleiro quando o Sr. Ashmore moveu-se e todos se levantaram para passar à sala de estar. Lyon percebeu que dessa vez ninguém prestava atenção ao que seu novo amigo lhe dizia. Contornaram a mesa cada qual por um lado diferente e se encontraram enquanto o cavaleiro hesitava em sair.

— E acha mesmo que seu amigo foi literalmente enterrado vivo? — perguntou Lyon, com certa expectativa.

O Coronel Capadose olhou-o por um instante, como se já tivesse perdido o fio da conversa. Então seu rosto se iluminou — e, ao se iluminar, tornou-se ainda mais bonito.

— Por minha honra, foi jogado num buraco!

— E o deixaram lá?

— Foi deixado lá até que cheguei e o arrastei para fora dali.

— Você chegou?

— Sonhei com ele. É uma história extraordinária: eu o ouvi me chamando à noite. Cismei que precisava desenterrá-lo. Você sabe, existe na Índia uma raça animalesca, os *ghouls*, que viola túmulos. Tive uma espécie de pressentimento de que iriam chegar a ele primeiro. Cavalguei direto até lá, posso garantir a você; e, por Júpiter, alguns deles já haviam começado a cavar! Bang, bang do cano da minha arma, e saíram em disparada, pode crer. Acreditaria se contasse que eu mesmo o tirei de lá? O ar fez com que despertasse e não estava pior por isso. Já está aposentado; voltou outro dia mesmo para cá, faria qualquer coisa por mim.

— Ele o chamou durante a noite? — indagou Lyon, perplexo.

— Esse é o aspecto interessante. Então, o que era aquilo? Não foi seu fantasma, porque não estava morto. Não era ele mesmo, porque não podia. Foi alguma coisa! Sabe, a Índia é uma terra estranha. Há nela um elemento de mistério: o ar está cheio de coisas que não podemos explicar.

Deixaram a sala de jantar, e o Coronel Capadose, que foi um dos primeiros a sair, separou-se de Lyon; mas, um minuto depois, antes que tivessem alcançado a sala de estar, juntou-se de novo a ele.

— Ashmore me disse quem você é. É claro que ouvi falar muito de você. Tenho muito prazer em vê-lo; minha mulher já o conhecia.

— Fico feliz de que ela se lembre de mim. Eu a reconheci no jantar e temia que ela não tivesse se lembrado de mim.

— Ouso dizer que ela está envergonhada — disse o coronel, com um humor indulgente.

— Envergonhada de mim? — retrucou Lyon no mesmo tom.

— Não havia uma história a respeito de um quadro? Sim, você pintou um retrato dela.

— Muitas vezes — disse o artista. — E ela tem motivo para se envergonhar do que fiz com ela.

— Bem, eu não fiquei envergonhado, meu caro senhor. Foi a visão desse quadro, com o qual teve a bondade de presenteá-la, que fez com que me apaixonasse por ela em primeiro lugar.

— Quer dizer, aquele com as crianças, cortando pão e manteiga?

— Pão e manteiga? Deus meu, não; folhas de parreira e pele de leopardo; uma espécie de bacante.

— Ah, sim — disse Lyon —, eu me lembro. Foi o primeiro retrato decente que pintei. Gostaria muito de dar uma olhada nele atualmente.

— Não peça que ela lhe mostre, pois vai ficar constrangida.

— Constrangida?

— Tivemos de nos desfazer dele; e não foi por interesse — riu.

— Um velho amigo de minha esposa, a quem a família dela conheceu intimamente na Alemanha, tomou-se de amores por ele: o Grão-Duque de Silberstadt-Schreckenstein, não o conhece? Foi a Bombaim na época em que me encontrava lá e pôs os olhos em sua tela (sabe que se trata de um dos maiores colecionadores da Europa?), e expressou tamanha admiração por ela, juro — aconteceu no aniversário dele —, que ela lhe disse que podia ficar com o quadro, para se livrar do personagem. Ficou absolutamente encantado, mas sentimos falta da tela.

— Fez muito bem — disse Lyon. — Se está numa grande coleção, uma obra da minha juventude incompetente, sinto-me infinitamente honrado.

— Ah, colocou-a num de seus castelos. Não sei em qual deles, pois tem muitos. Mandou-nos, antes de deixar a Índia, para retribuir o gesto, um magnífico vaso antigo.

— Era mais do que valia aquela coisa — observou Lyon.

O Coronel Lyon não deu atenção àquele comentário; parecia refletir sobre algo. Depois de um momento, disse:

— Se aparecer e for nos visitar na cidade, ela lhe mostrará o vaso.

E, ao entrarem na sala de estar, empurrou delicadamente o artista de forma amistosa.

— Vá e fale com ela. Lá está, ficará encantada.

Oliver Lyon deu apenas alguns poucos passos no vasto salão; deixou-se ficar ali por um momento, admirando a composição vistosa formada pelo grupo de belas mulheres à luz da lamparina, as figuras isoladas, o cenário grandioso em branco e dourado, os painéis com desenhos em relevo, no centro dos quais, em cada um deles, se encontrava uma pintura famosa. Naquele cenário, havia algo de um esplendor contido, sugerido pelo fato de as caudas daqueles vestidos gloriosos agarrarem no tapete. Na extremidade do aposento, estava sentada a Sra. Capadose, um tanto isolada; estava num pequeno sofá, com um lugar vazio a seu lado. Lyon não podia ter a pretensão de que ela o estivesse guardando. O fato de ela não o reconhecer à mesa contradizia essa possibilidade, mas ele experimentava um forte desejo de ir ocupá-lo. Além do mais, obtivera a sanção do marido; portanto, atravessou a sala, pisando sobre as caudas dos vestidos, e plantou-se diante de sua velha amiga.

— Espero que não tenha a intenção de me renegar — disse.

Ela ergueu os olhos em sua direção, com uma expressão de puro prazer.

— Estou tão feliz em vê-lo! Fiquei encantada quando soube que estava vindo.

— Tentei conseguir um sorriso seu no jantar, mas não consegui.

— Não vi; não entendi. Além disso, odeio sorrisos afetados e telegramas. E também sou muito tímida; não deve ter-se esquecido disso. Agora podemos nos comunicar confortavelmente.

E abriu um espaço maior para ele no sofá. Ele se sentou e os dois tiveram uma conversa, o que lhe deu muito prazer, voltando ao seu íntimo o motivo pelo qual gostava tanto dela, assim como uma boa parte do mesmo antigo sentimento. Continuava a ser a beldade menos mimada que já vira, mostrando total ausência de qualquer atitude coquete ou habilidade para se tornar insinuante, de modo que parecia quase uma omissão; houve momentos em que ela deu a seu interlocutor a impressão de ser uma linda criatura de algum asilo — uma surpreendente surda-muda ou uma cega que demonstrasse certa habilidade. Sua nobre cabeça pagã lhe assegurava privilégios que negligenciava e, quando as pessoas admiravam seu semblante, ela conjecturava se em seu quarto, uma boa lareira estaria acesa. Era simples, gentil e boa; inexpressiva, mas não desumana ou estúpida. De vez em quando, ela deixava escapar algo que fora garimpado, selecionado — o efeito provocado por uma impressão original. Não tinha imaginação, mas havia acumulado com proveito seus sentimentos e suas reflexões a respeito da vida. Lyon falou dos velhos tempos em Munique, lembrou-lhe de episódios, prazeres e desgostos, perguntou-lhe sobre o pai e sobre os outros; e ela lhe disse, por sua vez, que estava tão impressionada com a fama dele, a bela posição que conquistara, que não tivera certeza de que falaria com ela ou de que aquele sinal emitido à mesa fosse dirigido a ela. Tratava-se de uma declaração absolutamente sincera — era incapaz de agir de outro modo — e ele se sentiu tocado por tamanha humildade da parte de uma mulher cuja linhagem era admirável. Seu pai estava morto; um de seus irmãos estava na Marinha e o outro numa fazenda, na América; duas de suas irmãs se haviam casado e a mais nova acabara de ser apresentada à sociedade e era muito bonita. Ela não mencionou a madrasta. Ela lhe perguntou a respeito de sua história pessoal e ele informou que o mais importante que lhe acontecera era o fato de nunca ter se casado.

— Mas devia — ela respondeu. — É a melhor coisa do mundo.

— Gostei de ouvir isso, vindo de você! — retrucou.

— Por que não viria de mim? Estou muito feliz.

— E é justamente por isso que não posso estar. É cruel para mim ter de louvar sua condição. Mas tive o prazer de conhecer seu marido. Tivemos uma conversa na outra sala.

— Precisa conhecê-lo melhor, tem de conhecê-lo realmente melhor — disse a Sra. Capadose.

— Tenho certeza de que, quanto mais conhecê-lo, melhor será minha opinião. Ele também tem uma bela figura.

Ela pousou seus belos olhos cinzentos em Lyon.

— Não o acha bonito?

— Bonito, inteligente e divertido. Está vendo que sou generoso.

— Sim, você precisa conhecê-lo bem — repetiu a Sra. Capadose.

— Ele viu muita coisa nesta vida — disse seu interlocutor.

— Sim. Estivemos em muitos lugares. Precisa conhecer minha filhinha. Ela tem nove anos e é muito linda.

— Devia levá-la ao meu ateliê um dia desses. Gostaria de pintá-la.

— Ah, não fale sobre isso — disse a Sra. Capadose. — Isso me faz lembrar de algo muito desagradável.

— Espero que não esteja se referindo à época em que costumava posar para mim, ainda que isso deva tê-la entediado.

— Não se trata do que você fez, mas do que nós fizemos. É uma confissão que preciso fazer, é um peso em minha mente! Estou falando daquele quadro lindo que você me deu; costumava ser muito apreciado. Quando vier me visitar em Londres (espero que faça isso muito em breve), vai começar a procurá-lo por toda parte. Não posso dizer que o conservo no meu quarto por gostar tanto dele, pela simples razão... — E ela parou por um instante.

— Porque não é capaz de contar mentiras — disse Lyon.

— Não, não sou. Então, antes que me pergunte...

— Ah, eu sei que teve de se separar dele. Já senti o golpe — interrompeu Lyon.

— Ah, então ouviu falar? Tinha certeza de que acabaria sabendo! Mas sabe quanto conseguimos por ele? Duzentas libras.

— Podia ter conseguido muito mais — disse Lyons, sorrindo.

— Isso pareceu muito àquela altura. Estávamos sem dinheiro; foi há algum tempo, assim que nos casamos. Tínhamos poucos recursos na ocasião, mas, felizmente, nossa situação mudou para melhor. Vimos surgir essa oportunidade. E realmente parecia uma bela soma, e temo que nos tenhamos precipitado. Meu marido tinha certas expectativas em relação aos negócios que acabaram, em parte, se realizando, de modo que agora estamos bem. Mas nesse meio tempo o quadro se foi.

— Felizmente, o original ficou. Quer dizer então que duzentas libras foi o preço do vaso? — perguntou Lyon.

— Do vaso?

— O belo vaso indiano, o presente do grão-duque.

— O grão-duque?

— Como é mesmo o nome? Silberstadt-Schreckenstein. Seu marido mencionou a transação.

— Ah, o meu marido — disse a Sra. Capadose. E Lyon percebeu que ela havia ficado um pouco ruborizada.

Sem o objetivo de aumentar seu constrangimento, mas de simplesmente desfazer a ambiguidade, que, no instante seguinte, percebeu que seria melhor ter ignorado, ele prosseguiu:

— Ele me contou que agora integra a sua coleção.

— A do grão-duque? Ah, você conhece sua reputação? Acho que contém verdadeiros tesouros.

Ela estava confusa, mas havia recobrado a presença de espírito e Lyon refletiu que o marido e a esposa haviam preparado versões diferentes do mesmo incidente por alguma razão que mais tarde, quando

viesses a conhecê-la, acabaria lhe parecendo razoável. É verdade que não era capaz de imaginar propriamente Everina Brant preparando uma versão; esse não costumava ser seu estilo antigamente e, na realidade, parecia não continuar a ser agora. De qualquer modo, o episódio pesava na consciência de ambos. Ele mudou de assunto, dizendo que a Sra. Capadose precisava realmente levar a menina ao ateliê. Permaneceu sentado ao seu lado por mais algum tempo e pensou, talvez tenha sido apenas sua imaginação, que ela parecia um tanto ausente, como se houvesse ficado contrariada por, mesmo que por um momento, ter sido surpreendida em contradição. Isso não o impediu de lhe dizer já no final, quando as senhoras começavam a se juntar para se recolher:

— Pelo que falou, parece ter ficado muito impressionada com minha fama e prosperidade, e é bondosa o bastante para exagerá-las. Teria se casado comigo se soubesse que estava destinado a ter sucesso?

— Eu sabia disso.

— Bem, eu não.

— Você era modesto demais.

— Não pensava assim quando eu a pedi em casamento.

— Bem, se tivesse me casado com você, não poderia ter casado com ele. E ele é tão adorável! — exclamou a Sra. Capadose.

Lyon sabia que ela pensava mesmo assim — havia descoberto isso no jantar —, mas o incomodava um pouco o fato de ouvi-la dizer isso. O cavalheiro designado pelo pronome surgiu, em meio a um demorado aperto de mão de boa-noite, e a Sra. Capadose disse ao marido ao se virar:

— Ele quer pintar Any.

— Ah, ela é uma criança encantadora, uma criaturinha das mais interessantes — disse o coronel a Lyon. — Ela faz coisas incríveis.

A Sra. Capadose se deteve, no cortejo farfalhante que seguia a anfitriã para fora do aposento.

— Não conte a ele, por favor, não — disse ela.

— Não contar o quê?

— Ora, o que ela faz. Deixe que descubra sozinho — e seguiu em frente.

— Ela acha que fico contando vantagens a respeito da criança, que aborreço as pessoas — disse o coronel. — Espero que você fume.

Apareceu dez minutos depois na sala de fumantes, com um acessório exuberante, um traje de seda carmim, estampado com pequeninas manchas brancas. Lyon o olhou com satisfação, pois fez com que sentisse que também a era moderna tem seu esplendor e suas oportunidades para exhibir trajes vistosos. Se sua mulher era uma peça ao estilo da antiguidade, ele, por sua vez, era um belo espécime da era das cores: poderia ter passado por um veneziano do século XVI. Formavam um casal notável, pensou Lyon, e, enquanto olhava o coronel de pé, vistoso, em porte ereto diante da lareira, emitindo grandes baforadas de fumaça, não se admirou que Everina não se arrependesse de haver rejeitado o pedido de casamento dele, Lyon. Todos os cavalheiros reunidos em Stayes eram não fumantes e alguns já haviam ido para a cama. O Coronel Capadose observou que a reunião provavelmente seria de um grupo pequeno, já que o dia fora exaustivo. Este era o pior aspecto dessas casas de campo onde se praticava a caça, os homens ficavam tão sonolentos depois do jantar; por ser algo terrivelmente idiota para as mulheres, até mesmo para aquelas que também caçavam, pois as mulheres, sendo tão extraordinárias, nunca deixavam transparecer o sono. Mas alguns dos homens se reanimavam sob os efeitos estimulantes da sala de fumantes, e alguns deles, contando com isso, acabariam aparecendo ainda. Alguns dos elementos a fortalecer essa convicção — mas não todos eles — podiam ser vistos em um punhado de copos e garrafas dispostos sobre uma mesa perto da lareira, que faziam com que a grande bandeja e seu conteúdo tilintassem de modo sociável. Os

outros motivos estavam à espreita em vários recantos impróprios da mente dos mais loquazes. Lyon permaneceu a sós com o Coronel Capadose por alguns instantes, antes que seus companheiros, envergando uma excêntrica variedade de uniformes, fossem aparecendo, e ele percebeu que esse homem extraordinário quase não apresentava perda de qualquer tecido vital que precisasse ser reparado.

Falaram a respeito da casa, depois que Lyon percebeu um aspecto estranho da construção em relação à sala de fumantes; e o coronel explicou que existiam duas partes distintas, e que uma delas era muitíssimo antiga. Em síntese, eram duas casas completas, a velha e a nova, ambas bastante extensas e excelentes, cada qual à sua maneira. As duas juntas formavam uma estrutura enorme — Lyon deveria realmente conhecê-la por completo. A parte moderna fora construída pelo velho quando comprou a propriedade; ah, sim, ele a havia comprado, há cerca de quarenta anos — não era parte do patrimônio da família: não existia nenhuma família em particular da qual fizesse parte. Demonstrara bom gosto o suficiente para não estragar a casa original; só havia alterado o mínimo necessário para que fosse feita a junção das duas partes. Era realmente bastante incomum — uma construção irregular, espalhada e misteriosa, na qual, volta e meia, eram descobertos um aposento oculto atrás de alguma parede ou uma escada secreta. Para o seu gosto, contudo, apresentava um aspecto essencialmente soturno; mesmo as partes modernas acrescentadas, esplêndidas como eram, não conseguiam alegrá-la. Corria a história a respeito de um esqueleto que teria sido encontrado anos antes, durante uma reforma, sob uma laje no chão de uma de suas galerias, mas a família se mostrava muito reticente ao falar no assunto. O lugar no qual se encontravam ficava, é claro, na parte antiga, que, afinal, continha alguns dos melhores aposentos: acreditava que a cozinha primitiva ficava ali, antes de ser parcialmente modernizada em alguma época posterior.

— Meu quarto, então, também fica na parte antiga. Fico feliz por isso — disse Lyon. — É bastante confortável e contém todas as comodidades modernas, mas, ao sair, chamaram minha atenção a profundidade do recesso da porta e a evidente antiguidade do corredor e da escada, a primeira e menor delas. Esse corredor com seus painéis de madeira é admirável; é como se tivesse sido esticado, em sua obscuridade, em tom castanho (as lamparinas parecem não produzir grande efeito nele), ao longo de meia milha.

— Ah, não se atreva a ir até o fim dele! — exclamou, sorrindo, o coronel.

— Vai dar no aposento mal-assombrado? — perguntou Lyon. Seu interlocutor olhou-o por um momento.

— Ah, então ouviu falar disso?

— Não falo por conhecimento, só pela expectativa. Nunca tive essa sorte; nunca fiquei numa casa mal-assombrada. Os lugares aonde vou são sempre tão seguros quanto Charing Cross. Quero ver, seja lá o que for, a coisa propriamente dita. Tem algum fantasma lá?

— É claro que tem um, e bastante barulhento.

— E você já o viu?

— Ah, não me pergunte o que eu vi, pois acabaria pondo sua credulidade à prova. Não gosto de falar dessas coisas. Mas há dois ou três quartos terríveis, ou seja, excelentes!

— Quer dizer, no meu corredor? — perguntou Lyon.

— Acho que o pior deles está bem no final. Mas não seria aconselhável você dormir lá.

— Aconselhável?

— Até que tenha terminado seu trabalho. Vai receber cartas importantes na manhã seguinte e terá de pegar o trem das 10h20.

— Quer dizer que vou inventar um pretexto para fugir?

— A menos que seja mais corajoso do que quase todo mundo se mostrou até agora. Não costumam pôr as pessoas para dormir

ali, mas às vezes a casa está tão lotada que são obrigados a fazer isso. A mesma coisa sempre acontece: certa indisfarçável agitação no café da manhã e as cartas da mais alta importância. É claro que se trata de um quarto de solteiro, e eu e minha esposa estamos na outra ponta da casa. Mas assistimos a essa comédia há três dias, no dia seguinte ao que chegamos. Um jovem foi alojado ali, esqueci seu nome, a casa estava muito cheia; a costumeira sequência de fatos se seguiu. Cartas no café da manhã, uma expressão muito estranha no rosto, lamentava muitíssimo que sua visita tivesse de ser abreviada. Ashmore e sua esposa olharam um para o outro, e lá se foi o pobre coitado.

— Isso seria muito inconveniente para mim; preciso pintar meu quadro — disse Lyon. — Mas eles não se importam que você fale disso? Sabe que algumas pessoas que são proprietárias de um fantasma mostram muito orgulho disso.

Qual resposta o Coronel Capadose haveria de dar a essa pergunta, nosso herói jamais viria a saber, pois nesse momento o anfitrião deles acabara de entrar na sala, acompanhado por três ou quatro cavalheiros. Lyon teve consciência de que a pergunta fora parcialmente respondida pelo coronel quando este deixou de falar sobre o assunto. Isso, por outro lado, tornou-se um gesto natural pelo fato de um dos cavalheiros solicitar dele uma opinião sobre a questão que vinha sendo discutida, algo relacionado à história ocorrida durante a caçada ao longo do dia. Ao próprio Lyon, o Sr. Ashmore começou a falar, lamentando ter conversado tão pouco com ele até o momento. O tema que parecia inevitável era naturalmente aquele intimamente associado à visita do artista. Lyon observou que era uma grande desvantagem não ter feito, até então, nenhum contato preliminar com o Sr. David; na maioria dos casos, considerava isso da maior importância. Mas o modelo em questão era de idade tão avançada que, sem dúvida, não havia tempo a perder.

— Ah, posso lhe contar tudo a respeito dele — disse o Sr. Ashmore. E, pela meia hora seguinte, falou bastante.

Foi muito interessante, assim como bastante laudatório, e Lyon era capaz de ver que se tratava de um ancião muito amável, que soube se fazer tão amado por um filho que não era, claramente, pessoa das mais efusivas. Finalmente, pôs-se de pé, dizendo que precisava dormir se quisesse estar em condições de trabalhar pela manhã, ao que seu anfitrião retrucou:

— Então precisa levar sua vela; as luzes estão apagadas; não mantenho meus criados acordados.

Num instante, Lyon tinha já na mão uma vela com a luz trêmula e, ao sair em direção ao seu quarto (não havia perturbado os outros desejando boa-noite; estavam ocupados com um espremedor de limão e uma garrafa de soda), lembrou-se de outras ocasiões em que encontrara o caminho para sua cama sozinho, numa casa de campo às escuras. Não tinham sido poucas, pois, com frequência, era sempre o primeiro a abandonar a sala dos fumantes. Se não chegara a ficar numa casa comprovadamente assombrada, havia pelo menos (possuindo um temperamento artístico) observado os grandes salões sombrios e as escadas às vezes um tanto arrepiantes; graças à sua imaginação, um efeito sinistro sempre se fazia sentir ao ouvir o som dos próprios passos ecoando pelos longos corredores ou no modo como, no inverno, a lua entrava pelas janelas altas e vinha iluminar o topo das escadas. Ocorreu-lhe o fato de que, se casas sem pretensões sobrenaturais eram capazes de parecer tão malévolas à noite, os velhos corredores de Taves poderiam proporcionar certa sensação. Não sabia se os proprietários se mostrariam suscetíveis; muitas vezes, como dissera ao Coronel Capadose, as pessoas apreciavam ver suas casas acusadas. O que o levou a falar, com certa noção do risco, foi a impressão de que o coronel contava histórias estranhas. Quando estava com a mão na porta, disse a Arthur Ashmore:

— Espero que não encontre fantasmas.  
— Fantasmas?  
— Vocês devem ter alguns, nesta parte mais antiga da casa.  
— Damos o melhor de nós, mas *que voulez vous?* — indagou o Sr. Ashmore. — Não acho que gostem do encanamento de água quente.  
— Isso faz com que se lembrem do clima da terra deles? Mas vocês não têm um quarto mal-assombrado, no fim do meu corredor?  
— Ah, correm histórias e nós tentamos alimentá-las.  
— Gostaria muito de dormir ali — disse Lyon.  
— Bem, pode se mudar para lá amanhã, se quiser.  
— Talvez seja melhor esperar até terminar meu trabalho.  
— Muito bem, mas não vai trabalhar lá, você sabe. Meu pai vai posar para você no próprio aposento dele.  
— Ah, não é isso. É o medo de ter de fugir, como ocorreu com aquele cavaleiro há três dias.  
— Há três dias? Que cavaleiro? — indagou o Sr. Ashmore.  
— O que recebeu cartas urgentes no café da manhã e fugiu no trem das 10h20. Ele ficou mais do que uma noite?  
— Não sei do que está falando. Não existiu cavaleiro algum, há três dias.  
— Melhor assim, então — disse Lyon, assentindo com a cabeça um gesto de boa-noite e se despedindo.  
Encontrou seu caminho, conforme se lembrava dele, com a chama trêmula da vela, e, apesar de encontrar um sem-número de objetos lúgubres, chegou em segurança ao corredor para onde dava a porta de seu quarto. Em meio à completa escuridão, o corredor parecia estender-se ainda mais, no entanto ele o percorreu, por mera curiosidade, até o fim. Passou por diversas portas com os nomes dos quartos nelas pintados, mas nada encontrou. Ficou tentado a abrir a última porta, para olhar no quarto de sinistra reputação, mas ponderou que isso seria uma indiscrição, já que o Coronel Capadose

manuseava o pincel — na condição de contador de casos — com tanta liberdade. Poderia haver um fantasma ou não, mas o próprio coronel — ele estava inclinado a pensar — era o personagem mais misterioso da casa.

## II

LYON CONSIDEROU Sir David Ashmore um tema notável e, ainda por cima, um modelo bastante cômodo. Era, além disso, um senhor muito agradável, bastante enrugado, mas nem de longe apático; e vestia exatamente o roupão forrado de pelos que Lyon teria escolhido. Mostrava-se orgulhoso de sua idade, mas envergonhado de suas doenças, as quais, contudo, eram por ele muito exageradas, o que não o impedia de se sentar ali de modo bastante submisso, como se a pintura de quadros a óleo fosse um ramo da cirurgia. Demoliu o mito de que temesse que a operação viesse a ser fatal, oferecendo uma explicação que agradou muito mais a nosso amigo. Sustentava que um cavaleiro deveria ser pintado uma única vez na vida e que era uma demonstração de avidez e de presunção ter quadros seus espalhados por toda parte. Isso era apropriado para as mulheres, que proporcionavam um belo padrão para adornar paredes, mas o rosto masculino não se prestava à decoração repetitiva. A época da aparência adequada era a derradeira, quando o homem estava lá por inteiro; tinha-se a totalidade da experiência. Lyon não podia retrucar que esse período não era um verdadeiro compêndio. Para tanto, seria preciso que tivesse ocorrido algum tipo de vazamento, pois, na cristalização de Sir David, não havia ocorrido nenhuma rachadura. Falava do próprio retrato como um simples mapa do país, algo a ser consultado pelos filhos em caso de incerteza. Um mapa adequado só podia ser traçado quando se tivesse viajado pelo país. Pôs suas

manhãs à disposição de Lyon, até a hora do almoço, e eles falavam de muitas coisas, sem esquecer, como um estímulo à fofoca, das pessoas da casa. Agora que "não saía" mais, como dizia, via muito menos os visitantes de Stayes: chegavam e saíam pessoas sobre as quais nada sabia, e gostava de ouvir Lyon descrevendo-as. O artista fez seus esboços com uma pena afiada, sem recorrer a caricaturas, e geralmente ocorria de, quando não conhecia os filhos e as filhas, ter conhecido os pais e as mães. Era um desses anciãos terríveis, que vinham a ser repositório de antecedentes das pessoas. Mas, no caso da família Capadose, à qual haviam chegado por etapas, seu conhecimento abrangia duas ou até mesmo três gerações. O General Capadose fora um velho camarada, e ele se lembrava de seu pai. O general tinha sido um soldado inteligente, mas, na vida real, inclinado demais a um estilo especulativo — sempre pronto a se esgueirar no centro financeiro de Londres para pôr seu dinheiro em algum negócio duvidoso. Casou-se com uma jovem que acrescentou algo ao seu patrimônio e ambos tiveram meia dúzia de filhos. Mal sabia o que havia acontecido com os outros, apenas que um deles entrara para a Igreja e que obtivera uma nomeação — não tinha sido para decano de Rockingham? Clement, o sujeito que estava em Stayes, possuía algum talento para a carreira militar; servira no Oriente e se casara com uma bonita jovem. Tinha cursado Eton com seu filho e costumava vir para Stayes nas férias. Ultimamente, ao voltar para a Inglaterra, voltara a aparecer com a esposa; isso foi antes de ele — o pai — passar desta para a melhor. Era um homem resistente, mas tinha uma fraqueza monstruosa.

— Uma fraqueza monstruosa? — indagou Lyon.

— É um mentiroso descarado.

O pincel de Lyon se deteve, enquanto repetia, pois, de algum modo, a expressão o deixara espantado.

— Um mentiroso descarado?

— Tem sorte por não ter descoberto isso ainda.

— Bem, devo confessar que percebi certa tendência a romancear...

— Ah, nem sempre é romântico. É capaz de mentir sobre a hora, sobre o nome de seu chapeleiro. Parece que há pessoas assim.

— Bem, são tratantes preciosos — declarou Lyon, sua voz tremendo um pouco ao pensar no que Everina Brant fizera consigo mesma.

— Ah, nem sempre — disse o velho. — Esse sujeito está longe de ser um tratante. Não há nele nenhum mal, nem más intenções; não rouba, nem trapaceia, nem joga ou bebe. Ele é muito gentil, é apegado à esposa e adora suas crianças. Simplesmente não consegue nos dar uma resposta direta.

— Então tudo o que ele me contou na noite passada, suponho, era mentira: pôs-se a fazer uma série de declarações categóricas. Ao tentar digeri-las, não consegui, mas em nenhum momento pensei numa explicação tão simples.

— Sem dúvida, ele estava no estado de espírito — prosseguiu Sir David. — É uma peculiaridade natural, como ser manco, gago ou canhoto. Acho que é algo que vem e vai, como uma febre intermitente. Meu filho diz que os amigos o compreendem e não o repreendem por isso, em consideração a sua esposa.

— Ah, a sua esposa, sua esposa! — murmurou Lyon, pintando mais rápido.

— Ouso dizer que ela está acostumada com isso.

— Jamais, Sir David. Como poderia se acostumar com isso?

— Ora, meu caro, quando uma mulher gosta de alguém! E elas mesmas não manejam esse arco? Elas são *connoisseurs*; sentem simpatia por um companheiro de ofício.

Lyon permaneceu em silêncio por um momento. Não tinha argumentos para negar que a Sra. Capadose fosse afeiçãoada ao marido. Mas, pouco depois, retrucou:

— Ah, mas não essa! Eu a conheci anos atrás, antes do seu casamento. Conheci-a bem e a admirava. Era límpida como água da fonte.

— Gosto muito dela — disse Sir David —, mas tenho visto que ela o apoia.

Lyon observou Sir David por um instante, e não na condição de modelo.

— Tem certeza?

O velho hesitou. Então respondeu, sorrindo:

— Você está apaixonado por ela.

— É bem provável. Deus sabe como eu a amava!

— Ela precisa ajudá-lo, não pode deixá-lo exposto.

— Ela pode ficar em silêncio — observou Lyon.

— Bem, diante de você, provavelmente ela ficará.

— É o que estou curioso para ver. — E Lyon acrescentou, falando para si mesmo: — Só Deus sabe o que fez com ela!

Guardou essa reflexão para si mesmo, pois acreditava que, quanto ao seu estado de espírito em relação à Sra. Capadose, já se expusera demais. Contudo, preocupava-o imensamente a questão de saber como uma mulher se arranjaria naquela situação delicada. Agora a observava com um interesse que se intensificava rapidamente ao se ver na companhia de outras pessoas. Havia enfrentado os próprios problemas na vida, mas raramente se mostrara tão ansioso a respeito de qualquer outra coisa quanto estava agora, desejando saber que efeito a lealdade de uma esposa e a contaminação por um exemplo exerceram sobre uma mente absolutamente honesta. Ah, tinha na conta de uma verdade inabalável que não importa o que outras mulheres se mostrassem inclinadas a fazer, ela, desde sempre, havia provado ser incapaz de cometer um deslize. Mesmo que não fosse simples demais para dissimular, ela seria orgulhosa demais para isso. E, se não tivesse a consciência tão alerta, teria

mostrado muito pouca avidez nesse sentido. Tratava-se da última coisa que ela suportaria ou toleraria — justamente o que não teria perdoado. Será que sofriria sentada enquanto o marido executava seus saltos mortais, ou agora também se tornara perversa a ponto de achar louvável marcar pontos à custa da honra de alguém? Teria sido necessária uma notável alquimia — de trás para a frente, na realidade — para vir a produzir esse resultado. Além dessas duas alternativas (a de que se torturava em silêncio e a de que estava apaixonada o bastante para que a humilhante idiossincrasia do marido lhe parecesse apenas uma qualidade a mais — uma prova de vida e talento), havia ainda a possibilidade de que ela não o tivesse enxergado realmente, de que ela tomasse suas falsidades a sério, aceitando o valor que ele lhes atribuía. Uma rápida reflexão tornava essa hipótese insustentável; era por demais evidente que as versões por ele apresentadas deviam ter repetidamente entrado em contradição com as informações que ela detinha. Uma ou duas horas depois de tê-los encontrado, Lyon havia presenciado como ela se viu diante de uma invenção perfeitamente gratuita a respeito do lucro que obtiveram com seu antigo quadro. Mesmo então, ela não tinha, até onde ele podia perceber, acusado o golpe... mas até aquele momento só podia ponderar a respeito do ocorrido.

Mesmo que não tivesse se combinado, por meio da ternura que ainda sentia pela Sra. Capadose, com um elemento de suspense, a questão ainda se teria colocado diante dele como um problema bastante singular, já que não estaria pintando retratos há tantos anos sem se ter tornado uma espécie de psicólogo. Sua investigação, até aquele momento, tinha como limite as oportunidades que poderiam ser oferecidas nos três dias seguintes, já que o coronel e sua esposa haviam marcado sua partida para outra casa. Concentrava-se principalmente, é claro, também sobre o próprio coronel — sendo este cavalheiro vítima de uma anomalia tão rara. Além disso, essa

investigação deveria ser realizada rapidamente. Lyon era escrupuloso demais para perguntar a outras pessoas o que pensavam a respeito — temia expor a mulher que amara no passado. Era também provável que a luz sobre o caso fosse lançada a partir das conversas das outras pessoas que lhes faziam companhia: o estranho hábito do coronel, afetando na mesma medida tanto sua situação quanto a de sua esposa, àquela altura já seria um assunto familiar em quaisquer das casas em que tivesse o hábito de se hospedar. Nos círculos que havia visitado, Lyon não observara qualquer recusa deliberada em comentar as singularidades de seus integrantes. Interferia em sua investigação o fato de o coronel passar o dia inteiro caçando, enquanto ele manejava seus pincéis e conversava com Sir David; mas, graças à intervenção de um domingo, o grupo voltou a se reunir. Felizmente, a Sra. Capadose não caçava e, depois que ele dava seu trabalho por terminado, ela não se tornava inacessível. Fez algumas longas caminhadas ao seu lado (ela gostava disso) e a distraiu na hora do chá, atraindo-a para um recanto aconchegante da sala. Por mais que a observasse, era incapaz de chegar à conclusão de que estivesse sendo consumida por algum sentimento secreto de vergonha; em seu espírito, a ideia de ser casada com um homem cuja palavra não tinha valor, até onde podia perceber, não era o cancro que crescia dentro da rosa. Sua mente parecia não conter nada a não ser a própria franqueza serena e, quando olhava em seus olhos (bem no fundo deles, como às vezes se permitia fazer), não havia ali nenhum indício de uma consciência constrangida. Sempre conversava com ela sobre os velhos tempos — lembrando-lhe coisas das quais acreditava não mais se recordar. Então, falou-lhe do marido, elogiando sua aparência, seu talento para a conversação, confessou logo ter sentido por ele um sentimento de amizade e perguntou (com uma sensação íntima de audácia que o fez tremer um pouco) que tipo de homem era.

— Que tipo? — indagou a Sra. Capadose. — Meu caro, como é possível descrever o próprio marido? Eu gosto muito dele.

— Ah, isso você já me disse! — exclamou Lyon, queixando-se num tom exagerado.

— Então por que está me perguntando de novo? — acrescentou após um momento, como se estivesse feliz a ponto de se dar ao luxo de ter pena dele. — Ele é tudo o que há de bom e gentil. É um soldado e um cavalheiro, e me é muito querido! Não tem um defeito sequer. E é muito capaz.

— Sim, ele chama a atenção como alguém de grande capacidade. Mas é claro que não posso pensar nele como me sendo querido.

— Não me importa o que pensa a respeito dele! — disse a Sra. Capadose, parecendo-lhe, ao sorrir, mais linda do que em qualquer outra ocasião de que se lembrasse.

Estava sendo profundamente cínica ou ainda mais profundamente impenetrável, e via poucas chances de obter dela aquilo por que ansiava — algum sinal de que se dera conta de que teria sido melhor, afinal, ter casado com um homem que não fosse um exemplo vivo do mais desprezível e do menos heroico dos vícios. Não tinha ela visto — não havia sentido — o sorriso que circulava enquanto seu marido executava alguma pirueta especialmente característica com que animava suas conversas? Como uma mulher de sua qualidade era capaz de suportar, dia após dia, ano após ano, a não ser deixando que essa própria qualidade acabasse sendo afetada? Mas ele só acreditaria nessa alteração quando ouvisse ela própria mentir. Estava fascinado — e, em parte, irritado — por esse problema, e fazia a si mesmo todo tipo de perguntas. Ela não mentia, afinal, ao deixar passar sem um protesto todas as falsidades dele? Não era sua vida um perpétuo ato de cumplicidade, e ela não o ajudava e estimulava pelo simples fato de não demonstrar repugnância por ele? Mas talvez, afinal, ela sentisse repugnância e talvez não fosse

o mero orgulho desesperado que lhe dera aquela máscara impenetrável. Talvez ela protestasse em particular, de modo apaixonado; talvez todas as noites, em seus aposentos, após um dia em que tivesse ocorrido uma performance terrível, fizesse diante dele uma cena devastadora. Mas, se essas cenas de nada adiantavam e ele não fazia o menor esforço para se curar, como ela poderia encará-lo, e também depois de tantos anos de casamento, com a mais absoluta complacência que Lyon havia presenciado nela durante o jantar no primeiro dia? Se nosso amigo não estivesse apaixonado por ela, poderia ter encarado as más ações do coronel como um divertimento, mas, naquela situação, elas adquiriam em sua mente um aspecto trágico, mesmo sabendo que sua preocupação também poderia ter sido motivo de riso.

O que observara durante aqueles três dias mostrava-lhe que, se Capadose mentia de forma abundante, não o fazia por maldade, e que essa habilidade era exercitada geralmente com temas de pequena importância. "É um mentiroso platônico — disse a si mesmo —, é desinteressado, não age visando a algum tipo de ganho ou com a intenção de ferir. Trata-se da arte pela arte, e ele é motivado pelo amor à beleza. Tem, no seu íntimo, uma visão das coisas como poderiam ou deveriam ter sido, e colabora com uma boa causa simplesmente substituindo uma nuance. Ele pinta, isso é tudo, e eu também!" Suas manifestações apresentavam uma variedade considerável, mas, por todas elas, percebia-se o mesmo traço familiar, que consistia numa singular futilidade. Era isso que as tornava ofensivas; elas obstruíam o campo da conversação, ocupavam um espaço valioso, convertiam-na numa espécie de neblina em pleno sol. Para uma pequena mentira contada sob pressão, um lugar conveniente geralmente pode ser encontrado, como, por exemplo, uma pessoa que, em uma estreia de uma peça, se apresenta com um recado do autor. Mas a mentira

exagerada é como o cavalheiro sem um ingresso que se acomoda com um banquinho no meio da passagem.

Num aspecto em particular, Lyon absolvía seu rival bem-sucedido; intrigara-o o fato de que, sendo irrefreável como era, nunca se tivesse metido numa encenca no Exército. Mas percebeu que ele o respeitava — essa instituição venerável era sagrada e estava a salvo de suas investidas. Além disso, apesar de haver muitas bravatas em suas conversas, estranhamente era raro que contasse vantagem a respeito de suas façanhas militares. Nutria paixão pela caça, que praticara em terras distantes e algumas de suas mais belas flores consistiam em reminiscências de fugas e perigos solitários. Quanto mais solitário fosse o cenário, maiores, é claro, eram as flores. Uma pessoa que fosse apresentada ao coronel sempre recebia o tributo de um buquê: essa foi uma generalização que Lyon rapidamente fez. E esse homem extraordinário apresentava incoerências e lapsos — lapsos que o lançavam numa insípida veracidade. Lyon reconhecia aquilo que Sir David lhe havia contado, que suas aberrações surgiam em acessos ou períodos — que, às vezes, manteria uma trégua com Deus por intervalos de um mês. A musa soprava-lhe a inspiração, a seu bel-prazer; e, às vezes, o deixava sozinho. Ele desprezaria as oportunidades mais promissoras e, então, se arriscaria içando velas no vento forte. Como regra geral, afirmava o que era falso, em vez de negar a verdade; contudo, essa proporção às vezes se apresentava ligeiramente invertida. Com frequência, adería ao riso dirigido contra ele mesmo — admitia que estava fazendo uma experiência e que muitos de seus casos tinham um caráter experimental. Ainda assim, jamais se retratava ou batia em retirada — mergulhava e voltava a surgir em outro lugar. Lyon adivinhou que era capaz, de tempos em tempos, de defender sua posição com violência, mas apenas quando se tratava de uma posição muito ruim. Nessas situações, podia facilmente se tornar perigoso — então, investia e se

tornava calunioso. Essas ocasiões poriam à prova a equanimidade da esposa; Lyon teria gostado de vê-la então. Na sala de fumantes ou em qualquer outro lugar em que os visitantes se reunissem, contanto que fossem presenças habituais, sempre manifestavam um protesto hilariante. Mas entre os homens que já o conheciam há muito tempo, sua bela entonação era já uma velha conhecida, tão velha que deixaram de falar a respeito, e Lyon não se importava, como disse, em extrair uma opinião daqueles que poderiam ter compartilhado de sua surpresa.

A coisa mais estranha de todas era que nem a surpresa nem a familiaridade impediam que o coronel fosse estimado. Seus maiores esforços dirigidos para atrair uma atenção cética passavam por um excesso de vida e jovialidade — quase por beleza. Ele gostava de retratar sua coragem e usava, para isso, um pincel muito grosso, mas era inegavelmente corajoso. Era excelente cavaleiro e atirador, a despeito da coleção de histórias destinadas a ilustrar essas qualidades. Em resumo, era inteligente quase na mesma medida, e sua carreira fora quase tão maravilhosa quanto sugeria. Sua melhor qualidade, contudo, ainda era essa sociabilidade indiscriminada que partia do pressuposto de que todos se interessavam por ele e nele acreditavam, e era a respeito dessa capacidade que ele menos contava vantagens. Tornava-o comum, tornava-o até mesmo vulgar, em certo sentido, mas era tão contagioso que o ouvinte ficava mais ou menos do seu lado, contra todas as probabilidades. Uma reflexão própria de Oliver Lyon dizia que ele não apenas mentia, como também fazia os outros se sentirem um pouco mentirosos, mesmo (e especialmente) se alguém o contradissesse. À noite, durante o jantar e mais tarde, nosso amigo observou o rosto da esposa para ver se passava por ele alguma leve sombra ou espasmo. Mas ela não demonstrava nada, e o espantoso era que, quando ele falava, ela quase sempre escutava. Este era seu orgulho: não queria que suspeitassem que se recusava

a ouvir aquela música. Lyon, entretanto, teve a visão importante de uma figura velada que apareceu no dia seguinte ao entardecer em certos locais para fazer reparos aos estragos causados pelo coronel, do mesmo modo que os parentes de cleptomaníacos visitam regularmente as lojas que por eles foram surrupiadas.

“Devo me desculpar, é claro que não era verdade. Espero que nenhum mal tenha sido causado, é que a sua incorrigível...” Ah, ouvir a voz daquela mulher se rebaixando daquela maneira! Lyon não tinha nenhum plano malévolo, nenhum desejo consciente de explorar sua vergonha ou sua lealdade; mas realmente disse a si mesmo que gostaria de se aproximar dela para fazê-la sentir que haveria mais dignidade numa união com outra pessoa. Até sonhou com a hora em que, com o rosto ruborizado, ela lhe pediria para não a repreender. Então ele se mostraria consolado — seria quase magnânimo.

Lyon terminou seu quadro e partiu, depois de ter trabalhado num lampejo de interesse que o fez acreditar em seu sucesso, até que descobriu ter agradado a todos, especialmente ao Sr. e à Sra. Ashmore, quando ele começou a se mostrar cético. O grupo, de qualquer modo, mudou: o coronel e a Sra. Capadose seguiram seu caminho. Contudo, ele foi capaz de dizer a si mesmo que sua separação daquela dama foi menos um fim do que um começo, e procurou-a logo depois de voltar à cidade. Ela lhe dissera a que horas podia ser encontrada em casa — parecia gostar dele. Se gostava dele, por que não se casara com ele ou pelo menos por que não lamentava ter deixado de fazer isso? Se por acaso lamentava, disfarçava isso muito bem. A essa altura, a curiosidade de Lyon pode parecer presunçosa, mas é preciso permitir algo a um homem desapontado. Não pedia muito, afinal; não queria que ela o amasse agora ou que permitisse que lhe dissesse que a amava, mas apenas que lhe transmitisse algum sinal de que se arrependia. Em vez disso, até agora ela se havia limitado

a exibir sua filhinha a ele. A criança era linda e tinha os mais belos olhos de uma criatura inocente que ele já vira, o que não o impediu de se perguntar se ela contava mentirinhas terríveis. Essa ideia o divertiu muito — o quadro da ansiedade com que sua mãe a examinaria à medida que fosse crescendo sempre em busca dos sintomas de hereditariedade. Essa era uma bela ocupação para Everina Brant! Será que ela mesma mentia para a criança, a respeito do pai — seria necessário, quando ela a estreitava nos braços, encobrir os rastros deixados por ele? Será que ele se controlava diante da menina, de modo que ela não o ouvisse dizer coisas que sabia serem diferentes do que ele havia contado? Lyon duvidava disso: o impulso seria forte demais para ele, e a única segurança para a criança consistiria no fato de ser estúpida demais para analisar isso. Ainda era impossível emitir qualquer julgamento — ela era nova demais. Se crescesse para se tornar inteligente, ela certamente seguiria os passos dele — um delicioso aperfeiçoamento em relação à situação de sua mãe! Seu pequeno rosto não parecia astuto, mas o grande rosto do pai também não, de modo que isso nada provava.

Lyon lembrou a seus amigos mais de uma vez sua promessa de que Amy viria a posar para ele, e era apenas uma questão de ele dispor de algum tempo livre. Também cresceu nele o desejo de pintar o coronel — uma operação da qual prometia a si mesmo extrair uma grande satisfação pessoal. Ele o exporia por meio do desenho e também o captaria nessa totalidade sobre a qual tinha conversado com Sir David, e ninguém, a não ser os iniciados, viria a saber. Eles, contudo, teriam a pintura em alta conta, e seria efetivamente em formato grande — uma obra-prima de caracterização sutil, de perfídia legítima. Durante anos, sonhara em produzir algo que trouxesse a marca tanto do psicólogo como do pintor, e ali, afinal, estava seu tema. Era uma pena que não fosse melhor, mas isso não era sua culpa. Já se firmara nele a impressão de que ninguém con-

seguia expor o coronel melhor do que ele, e não o fazia apenas por instinto, mas deliberadamente. Havia momentos em que quase se assustava com a perspectiva de sucesso apresentada por seu plano — o pobre cavalheiro já tinha ido terrivelmente longe. Algum dia, iria parar, olhar Lyon bem nos olhos — adivinhar que o estavam manipulando —, o que faria com que sua mulher também adivinhasse. Não que Lyon se importasse muito com isso, contanto que ela não conseguisse supor (como deveria) que ela era igualmente vítima da brincadeira. A essa altura, apegara-se de tal forma ao hábito de visitá-la nas tardes de domingos que ficava aborrecido quando ela deixava a cidade. Isso acontecia com frequência, visto que o casal visitava muito os conhecidos e o coronel estava sempre atrás de alguma caçada, que apreciava particularmente quando podia ser praticada à custa dos outros. Lyon teria suposto que esse tipo de vida se adequava particularmente mal ao gosto dela, pois ele tinha uma noção de que era nas casas de campo que a índole de seu marido se manifestava com mais intensidade. Deixá-lo partir sem ela, não ter de vê-lo se expor — isso deveria consistir num alívio e num luxo para ela. Na verdade, ela havia contado a Lyon que preferia ficar em casa, mas deixou de dizer que era porque na casa dos outros ela sofria: o motivo que deu era o de que gostava de ficar com a filha. Talvez não fosse um gesto criminoso sacar desse arco, mas era vulgar: o pobre Lyon ficou encantado ao chegar a essa fórmula. Certamente algum dia também ele cruzaria aquela linha — se tornando um animal nocivo. Sim, nesse meio tempo ele era vulgar, a despeito de seus talentos, sua bela pessoa, sua impunidade. Por duas vezes, abrindo exceções, no fim do inverno, sua mulher permaneceu em casa quando o marido deixou a cidade para alguns dias de caçada. Lyon ainda não havia chegado a ponto de perguntar se o desejo de não perder duas de suas visitas tinha algo a ver com sua imobilidade. Talvez tivesse sido mais apropriado conduzir essa

investigação mais tarde, quando ele começou a pintar a criança e ela sempre a acompanhava. Mas não era do estilo dela deixar de chamar as coisas pelo seu nome, fingir, e Lyon podia ver que ela nutria uma paixão maternal, apesar do sangue ruim que corria nas veias da menininha.

Ela vinha sistematicamente, apesar de Lyon haver multiplicado as sessões: Amy nunca era confiada à governanta ou à criada. Ele dera cabo do pobre Sir David em dez dias, mas era provável que o retrato da criança de rosto simples se estendesse pelo ano seguinte. Pedia uma sessão atrás da outra e teria parecido óbvio a qualquer um que estivesse acompanhando o caso que estava exaurindo a menina. Contudo, ele sabia não ser esse o caso, e a Sra. Capadose também sabia: ambos estavam presentes nos longos intervalos que ele lhe dava, quando a menina abandonava a pose e vagava pelo grande ateliê, divertindo-se com suas curiosidades, brincando com velhos panos e vestidos, tendo plena autorização para mexer em tudo. Então sua mãe e o Sr. Lyon sentavam-se e conversavam; ele colocava de lado os pincéis e se recostava na cadeira; ele sempre lhe servia chá. O que a Sra. Capadose não sabia era em que medida ele havia negligenciado outras encomendas durante aquelas semanas: mulheres não mostram muita imaginação em relação ao trabalho de um homem para além de uma vaga ideia de que não é importante. Na realidade, Lyon adiará tudo e deixará várias celebridades esperando. Havia longos períodos de silêncio em que manejava seus pincéis, durante os quais aquilo de que se mostrava mais consciente era o fato de Everina estar sentada ali. Ela mergulhava com facilidade nessa situação se ele não insistisse em conversar, e não se mostrava constrangida nem entediada com isso. Às vezes, ela pegava um livro, pois havia muitos ao seu redor; outras vezes, um pouco à parte, em sua cadeira, assistia aos seus progressos (sem, contudo, nem pensar em aconselhar ou corrigir), como se ela se importasse com cada pin-

celada que representava sua filha. Essas pinceladas, ocasionalmente, eram feitas um pouco ao acaso; penava muito mais em seu coração do que em sua mão. Não estava mais constrangido do que ela, mas parecia agitado. Era como se nas sessões (pois também a criança era maravilhosamente tranquila) algo estivesse crescendo ou já tivesse crescido entre eles — uma confiança tácita, um segredo inexprimível. Era assim que ele sentia; mas, afinal de contas, não podia ter certeza de que ela se sentisse do mesmo jeito. O que desejava que ela fizesse por ele era muito pouco; não se tratava sequer de que ela confessasse ser infeliz. Ficaria infinitamente satisfeito se ela desse a entender, pelo menor indício que fosse, que reconhecia que, ao seu lado, sua vida teria sido melhor. Às vezes ele conjecturava — suas suposições iam até esse ponto — que poderia ver esse sinal no fato de ela se contentar em permanecer sentada ali.

### III

FINALMENTE, ele mencionou a questão do retrato do coronel: aquele período do ano já se aproximava do fim — haveria pouco tempo antes de ocorrer uma dispersão geral. Disse que deveriam aproveitar a ocasião ao máximo; o fundamental era começar. Então, no outono, com a retomada da vida em Londres, poderiam prosseguir. A isso, a Sra. Capadose objetou que não poderia consentir em aceitar outro presente de tamanho valor. No passado, Lyon lhe dera o retrato dela mesma, e tinha visto a indelicadeza que haviam feito com ele. Agora oferecera a ela essa maravilhosa lembrança da criança — e maravilhosa a tela ficaria quando terminada, era evidente, se é que chegaria algum dia a se dar por satisfeito com a obra; um objeto precioso que eles guardariam cuidadosamente para sempre. Mas sua generosidade precisava parar aí — não poderiam

ver-se endividados dessa maneira com sua gratidão. Não tinham como encomendar o quadro — é claro que entenderia isso sem que ela precisasse explicar: era um luxo que não estava ao alcance de suas posses, pois tinham conhecimento das altas somas que recebia. Além disso, o que haviam feito algum dia — acima de tudo, o que ela fizera, para que ele os cumulasse de favores? Não, estava se mostrando bom demais; era realmente impossível que Charles viesse a posar. Lyon ouviu-a sem protestar, sem interromper, enquanto se concentrava em seu trabalho, e afinal disse:

— Bem, se não quer recebê-lo, por que não deixar que ele pose para mim para meu próprio prazer e lucro? Deixe que seja um favor, um serviço que peço a ele. O fato de pintá-lo me fará muito bem, e o quadro permanecerá em minhas mãos.

— Como pintá-lo poderia fazer bem a você? — perguntou a Sra. Capadose.

— Bem, ele é um modelo bem peculiar, um tema muito interessante. Tem um rosto bastante expressivo. Isso irá me ensinar uma infinidade de coisas.

— Expressivo do quê? — disse a Sra. Capadose.

— Ora, de sua natureza.

— E quer pintar sua natureza?

— É claro que sim. É o que um grande retrato nos proporciona, e hei de fazer um grande retrato do coronel. Minha reputação sairá ganhando. De modo que, como vê, meu pedido é claramente movido por interesse próprio.

— Como pode melhorar ainda mais sua reputação?

— Ah, eu sou insaciável! Consinta, por favor — disse Lyon.

— Bem, sua natureza é bastante nobre — observou a Sra. Capadose.

— Ah, pode confiar em mim, vou trazer isso à tona! — exclamou Lyon, sentindo um pouco de vergonha de si mesmo.

Antes de partir, a Sra. Capadose disse que seu marido provavelmente iria concordar com seu convite, mas acrescentou:

— Nada me convenceria a deixar que você se intrometesse dessa maneira!

— Ah, você! — riu Lyon. — Poderia pintá-la até no escuro!

Pouco tempo depois, o coronel colocou seu tempo livre à disposição do pintor e, ao fim de julho, já lhe havia feito várias visitas. Lyon não se decepcionou nem com a qualidade do seu modelo nem com o modo como ele mesmo se pôs à altura da situação; sentia-se realmente confiante de que realizaria algo de valor. Estava no estado de espírito adequado, mostrava-se fascinado pelo seu tema e profundamente interessado no problema. A única coisa que o perturbava era a ideia de que, ao enviar o quadro para a Academia, não poderia dar-lhe, no catálogo, o título de *O Mentiroso*. Contudo, isso tinha pouca importância, pois agora se mostrava determinado a tornar seu personagem perceptível mesmo à mais fraca inteligência — de forma tão exagerada como o homem de carne e osso parecia aos seus próprios olhos. Como atualmente nada mais enxergava além do coronel, entregava-se ao prazer de não pintar nada a não ser ele. Seria incapaz de dizer como fizera isso, mas lhe parecia que o mistério de como pintá-lo se renovava a cada vez que se sentava para trabalhar. Estava nos olhos e estava na boca, estava em cada uma das linhas de sua face e em cada gesto de sua atitude, no entalhe do queixo, no modo como o cabelo se assentava, no bigode retorcido, no sorriso que ia e vinha, na respiração que se acelerava e acalmava. Estava na maneira como olhava para um mundo cheio de dissimulações — em síntese, no modo como sempre olharia as coisas. Havia meia dúzia de retratos na Europa que Lyon considerava extraordinários; julgava-os imortais, pois estavam perfeitamente preservados exatamente como foram pintados. Era a este reduzido grupo de obras exemplares que aspirava acrescentar a tela com a

qual agora se ocupava. Uma das composições que a integravam era um magnífico Moroni, da National Gallery — o jovem alfaiate, com o blusão branco, sentado à mesa com suas tesouras. O coronel não era um alfaiate, nem o modelo de Moroni, ao contrário de tantos alfaiates, um mentiroso; mas, no que diz respeito à magistral clareza com a qual o indivíduo deveria ser retratado, seu trabalho se situaria na mesma linha. Experimentava, num grau raramente sentido antes, a satisfação de perceber a vida crescendo e crescendo sob seu pincel. O coronel, depois ficou claro, gostava de posar e gostava de falar enquanto estava posando: o que vinha bastante a calhar, já que sua conversa consistia na principal matéria para a inspiração de Lyon. Pôs em prática a ideia de expô-lo por meio do desenho que vinha acalentando há tantas semanas: não poderia encontrar-se numa relação mais propícia com ele para esse objetivo. Ele o encorajava, distraía e o estimulava, manifestava uma indomável credulidade, e suas únicas interrupções se davam quando o coronel não reagia a ele. Tinha seus hiatos, suas horas de esterilidade, e então Lyon sentia que o retrato também se arrastava. Quanto mais alto seu companheiro se alçava, quanto mais rodopios executava, no azul, melhor ele pintava; não conseguia sustentar seus voos por tempo suficiente. Chicoteava-o quando afrouxava o passo; tornou-se muito apreensivo nos momentos em que o coronel poderia vir a descobrir seu jogo. Mas nunca fez isso, aparentemente; inchava e aquecia-se à luz da atenção do pintor. Dessa maneira, o quadro progrediu rapidamente. Era espantosa a velocidade da operação quando comparada à da menina. Em 5 de agosto, estava praticamente terminado: esta era a data da última sessão que o coronel podia conceder, já que, no dia seguinte, deixaria a cidade com a esposa. Lyon estava plenamente satisfeito — via claramente o caminho diante de si: seria capaz de terminar o que faltava, com ou sem a presença de seu amigo. De qualquer modo, como não havia pressa, deixaria a coisa descansar

por um tempo até ele mesmo retornar a Londres, em novembro, quando voltaria ao quadro com um olhar renovado. Ao ser perguntado pelo coronel se sua mulher poderia vir olhá-lo no dia seguinte, se conseguisse tempo para tanto — ela desejava muito fazer isso —, Lyon pediu como um favor especial que ela esperasse: ainda estava longe de se dar por satisfeito. Essa era a repetição da proposta que a Sra. Capadose fizera por ocasião de sua última visita, e então ele havia pedido um adiamento, declarando que ainda não se dava de todo por satisfeito. Estava, na verdade, encantado e, mais uma vez, um pouco envergonhado de si mesmo.

Em 5 de agosto, o tempo estava quente, e naquele dia, enquanto o coronel sentava-se empertigado e conversava, com a intenção de ventilar um pouco o ambiente, Lyon abriu uma pequena porta secundária que levava diretamente do seu estúdio ao jardim e que, às vezes, servia como entrada e saída de modelos e visitantes mais humildes, e como uma passagem para telas, molduras, caixotes e outros equipamentos profissionais. A entrada principal se dava através da casa e de seus próprios aposentos, e essa aproximação produzia o efeito encantador de admitir a pessoa primeiramente numa galeria na parte alta, de onde uma escada pitorescamente retorcida levava o visitante a descer para um espaço amplo, decorado e repleto de objetos. A visão desse aposento abaixo dele, com todos os seus utensílios engenhosos e objetos de valor que Lyon colecionava, nunca deixava de arrancar exclamações de admiração das pessoas que pisavam na galeria. O caminho que vinha do jardim era mais despojado e, ao mesmo tempo, mais prático e mais reservado. Os domínios de Lyon em St. John's Wood não eram vastos, mas, quando a porta permanecia aberta num dia de verão, deixava entrever flores e árvores, e era possível sentir um perfume agradável e ouvir os pássaros. Nessa manhã em particular, a porta do lado havia sido encontrada convenientemente aberta por um visitante

não anunciado, uma jovem que permaneceu no aposento até que o coronel a percebesse e antes que fosse percebida por seu amigo. Estava muito silenciosa e ficou olhando de um homem para o outro.

— Ah, meu Deus, mais uma! — exclamou Lyon, assim que seus olhos se detiveram nela.

Ela pertencia, na realidade, a uma categoria um tanto inoportuna — aquela das modelos em busca de ocupação, e explicou que se aventurava a entrar diretamente, daquele jeito, porque muitas vezes, ao procurar algum cavalheiro, os criados inventavam evasivas, mandavam-na embora e se recusavam a anotar seu nome.

— Mas como entrou no jardim? — perguntou Lyon.

— O portão estava aberto, senhor, o portão dos criados. A carroça do açougueiro estava ali.

— O cocheiro deveria tê-lo fechado — disse Lyon.

— Então não precisa de mim, senhor? — insistiu a dama.

Lyon continuou a trabalhar em sua pintura. A princípio, tinha lhe dirigido um olhar atento, mas agora seu olhar sobre ela perdera o brilho. O coronel, no entanto, examinou-a com interesse. Era uma pessoa da qual mal se poderia dizer se, sendo jovem, parecia velha, ou, se velha, parecia jovem; era evidente que havia dobrado muitas esquinas da vida e tinha um rosto um tanto róseo, mas que, de alguma forma, não transmitia a ideia de viço. Contudo, era bonita e até dava a impressão de algum dia ter posado pela sua aparência. Usava um chapéu de muitas penas, um vestido com muitas armações, longas luvas pretas envolvidas em pulseiras prateadas, e sapatos muito ruins. Algo havia nela que sugeria não exatamente uma governanta deslocada de sua função ou exatamente uma atriz em busca de trabalho, mas que insinuava uma carreira interrompida ou mesmo uma carreira fracassada. Parecia um tanto aviltada e maculada, e depois de ficar no aposento por alguns momentos, o ar, ou pelo menos as narinas, acabaram por captar certo hálito

de álcool. Estava pouco familiarizada com a gramática e, quando Lyon finalmente agradeceu-lhe e disse que não a queria — não estava ocupado com nada em que ela pudesse ser útil —, ela retrucou num tom ressentido:

— Bem, sabe muito bem que já *usou eu* antes!

— Não me lembro de você — respondeu Lyon.

— Bem, posso apostar que as pessoas que viram seus quadros se lembram! Não tenho muito tempo, mas achei que poderia dar uma passada.

— Eu lhe agradeço.

— Se algum dia precisar de mim, se puder me mandar um cartão-postal...

— Nunca mando postais — disse Lyon.

— Uma carta pessoal serviria muito bem! Alguma coisa para a Srta. Geraldine Mortimer, Terrace Mews, Notting Hill...

— Muito bem. Vou procurar me lembrar — disse Lyon.

A Srta. Geraldine se demorava no ateliê.

— Pensei em passar por aqui, só por acaso.

— Temo não poder lhe dar muitas esperanças, estou muito ocupado com retratos — continuou Lyon.

— Sim, posso ver isso. Gostaria de estar no lugar deste cavalheiro.

— Temo que nesse caso o quadro não pareceria comigo — retrucou o coronel, rindo.

— Ah, é claro que não estou me comparando; não ficaria tão bonito! Mas odeio mesmo esses retratos! — anunciou Geraldine.

— É como tirar o pão de nossa boca.

— Bem, existem muitos que não são capazes de pintá-los — sugeriu Lyon, procurando consolá-la.

— Ah, mas eu posei para o primeiro, e só para o primeiro de todos eles! Existem muitos por aí que não teriam feito nada sem mim.

— Fico feliz que seja tão requisitada. — Lyon começava a ficar entediado e acrescentou que não a reteria ali; mandaria chamá-la em caso de necessidade.

— Muito bem, então; lembre-se de que moro em Mews. Coitado! O senhor não posa tão bem como nós! — continuou a Srta. Geraldine, olhando para o coronel. — Se me permitir, Sir...

— Você o está atrapalhando. Está deixando-o constrangido — observou Lyon.

— Constrangendo-o, oh, Deus! — exclamou a visitante, dando uma gargalhada que se espalhou com uma fragrância. — Talvez você mande postais, não? — Ela se dirigiu ao coronel; e então se retirou num passo hesitante. Passou para o jardim, do modo como tinha entrado.

— Que horror! Ela está bêbada! — disse Lyon.

Estava concentrado no ato de pintar, mas ergueu os olhos para checar: a Srta. Geraldine havia enfiado novamente a cabeça através da porta aberta.

— Sim, odeio mesmo isso, esse tipo de coisa! — gritou ela numa explosão de alegria que confirmava a declaração de Lyon. E então desapareceu.

— Que espécie de coisa? O que ela quis dizer? — perguntou o coronel.

— Ora, o fato de estar pintando você, e não a ela.

— E você já a pintou alguma vez?

— Nunca na vida; jamais a vi. Está completamente enganada.

O coronel ficou em silêncio por um momento e então observou:

— Ela devia ser muito bonita, há uns dez anos.

— Provavelmente, mas está bastante acabada. Para mim, basta uma única gota a mais para estragá-las, não devia nem me importar com ela.

— Meu caro, ela não é uma modelo — disse o coronel, rindo.

— Hoje, sem dúvida que não, não está à altura dessa palavra, mas já foi uma.

— *Jamais de la vie!* Tudo isso não passa de um pretexto.

— Um pretexto? — Lyon pôs seus ouvidos em alerta e começou a imaginar o que viria em seguida.

— Ela não queria você; ela queria a mim.

— Percebi que ela lhe deu certa atenção. O que quer de você?

— Ora, queria aprontar alguma comigo. Ela me odeia, um monte de mulheres me odeia. Ela fica me vigiando e me segue.

Lyon recostou-se para trás em sua cadeira; não acreditava numa única palavra. Ficou ainda mais encantado com aquilo e com a maneira franca e animada do coronel. A história havia brotado, saborosa, ali mesmo.

— Meu caro coronel — murmurou, demonstrando interesse amistoso e certa compaixão.

— Fiquei contrariado quando ela entrou, mas não surpreso — continuou seu modelo.

— Se ficou, disfarçou muito bem.

— Ah, quando alguém passou pelas coisas que enfrentei! Hoje, contudo, confesso que não estava totalmente preparado. Eu a tenho visto vagando por aí. Está a par dos meus movimentos. Estava perto da minha casa esta manhã. Deve ter me seguido.

— Mas, afinal, quem é ela, com todo esse atrevimento?

— Sim, ela é atrevida — disse o coronel —, mas, como pôde observar, estava preparada. Ainda assim, foi muita impertinência dela ir entrando daquela maneira. Oh, ela não é uma modelo, nem nunca foi; é claro que conheceu algumas dessas mulheres e tomou emprestados seus trejeitos. Seduziu um amigo meu já há uns dez anos, um jovem estúpido e simplório que poderia ter sido abandonado e depenado e por quem fui obrigado a demonstrar interesse por motivos de família. É uma longa história, e já havia esquecido

tudo a respeito. Ela deve ter uns 37 anos. Eu acabei com aquilo e fiz com que ele se livrasse dela, mandei que fosse cuidar da própria vida. Ela sabia que fui o responsável. Nunca me perdoou e acho que está furiosa. Seu nome não é Geraldine e duvido muito que aquele seja seu endereço.

— E qual seria o nome dela? — indagou Lyon, prestando muita atenção. Os detalhes sempre começavam a se multiplicar, uma vez que seu interlocutor se punha em movimento; surgiam como batalhões.

— É Pearson. Harriet Pearson. Mas costumava chamar a si mesma Grenadine. — Não era o nome de uma marca de bebida? Grenadine, Geraldine — bastou um pulo.

Lyon ficou encantado com a rapidez da resposta, e seu companheiro prosseguiu:

— Há anos não pensava nela. Tinha-a perdido mesmo de vista. Não sei o que ela pretende, mas é praticamente inofensiva. Ao chegar, eu a vi um pouco mais acima na estrada. Ela deve ter descoberto que eu vinha aqui e acabou chegando antes de mim. Ouso dizer, ou melhor, estou certo, que agora mesmo está esperando por mim lá fora.

— Não seria mais prudente obter algum tipo de proteção? — indagou Lyon, rindo.

— A melhor proteção são cinco shillings; só aceito chegar até aí. A não ser, é claro, que carregue consigo uma garrafa de ácido. Mas elas só jogam ácido em homens que as enganaram, e eu nunca a enganei. Eu lhe disse que não daria certo já na primeira vez que a vi. Bem, se estiver lá, caminharemos um pouco juntos e conversaremos e, como disse, não vou passar dos cinco shillings.

— Bem — disse Lyon —, vou contribuir com mais cinco. — Sentiu que isso era, em parte, para pagar pela própria diversão.

Essa diversão, contudo, foi interrompida até segunda ordem pela partida do coronel. Lyon ansiava por uma carta relatando o desdobramento fictício, mas, aparentemente, seu brilhante modelo não trabalhava com a pena. De qualquer modo, abandonou a cidade sem escrever; haviam combinado de se reencontrar três meses mais tarde. Oliver Lyon sempre passava as férias da mesma maneira: durante as primeiras semanas, visitava seu irmão mais velho, o feliz proprietário, no sul da Inglaterra, de uma casa antiga e espaçosa, provida de jardins, nos quais ele se deleitava, e então partia para o exterior — em geral, para a Itália ou a Espanha. Naquele ano, entregou-se a esse costume depois de dar uma última olhada na obra quase terminada e sentindo-se satisfeito como nunca antes ocorrera com a tradução da ideia pela sua mão. O resultado sempre lhe parecera, até então, um lamentável compromisso. Certa tarde, no campo, ao fumar seu cachimbo num dos antigos terraços, foi tomado pelo desejo de vê-lo novamente e fazer nele mais umas duas ou três coisas: havia pensado muitas vezes naquilo enquanto estivera ali. O impulso era forte demais para ser posto de lado e, ainda que esperasse estar de volta à cidade dentro de mais uma semana, não conseguia suportar a espera. Olhar para a tela durante cinco minutos teria sido o bastante — isso iria clarear certas questões que rondavam seu cérebro. Desse modo, na manhã seguinte, para dar a si mesmo esse luxo, tomou o trem para Londres. Não enviou antes nenhuma mensagem de aviso; ele almoçaria em seu clube e provavelmente voltaria para Sussex por volta das 17h45.

Em St. John's Wood, a maré da vida humana nunca flui muito rapidamente e, nos primeiros dias de setembro, Lyon encontrou um absoluto vazio nas estradas retas e ensolaradas onde os pequenos muros de estuque dos jardins, com suas portas que não se comunicavam, pareciam sutilmente orientais. Sua própria casa estava decididamente envolta no silêncio, e nela entrou fazendo uso de sua

chave mestra, adotando a teoria de que era melhor surpreender os criados sem aviso prévio. A boa mulher que era a principal responsável e que acumulava as funções de cozinheira e governanta foi, no entanto, logo atraída por seus passos, e (ele cultivava a franqueza na relação com seus empregados) recebeu-o com uma expressão de perplexidade provocada pela surpresa. Disse-lhe que não se preocupasse em colocar o lugar completamente em ordem, pois ficaria ali apenas por algumas horas — permaneceria ocupado em seu estúdio. A isso, ela retrucou que tinha chegado bem a tempo de ver uma dama e um cavalheiro que estavam ali naquele momento — haviam chegado cinco minutos antes. Avisara-os de que ele se encontrava viajando, mas disseram que estava tudo bem; tudo o que queriam era olhar uma pintura e tomariam muito cuidado com tudo.

— Espero não haver nenhum problema, senhor — concluiu a governanta. — O cavalheiro diz que ele é modelo e me deu seu nome, um nome bem esquisito; acho que tem algo de militar. A dama é muito bonita, senhor. De qualquer modo, eles estão aqui.

— Ah, está tudo bem — disse Lyon, após ter esclarecido a identidade dos visitantes.

A boa mulher não poderia saber, já que habitualmente tinha pouco contato com quem entrava ou saía; seu marido, que conduzia as pessoas que chegavam e partiam, o acompanhara na viagem ao campo. Havia ficado bastante surpreso com o fato de a Sra. Capadose ter ido ver o retrato do marido quando sabia que o próprio artista preferia que ela se abstinisse disso; mas estava familiarizado com o fato de que era uma mulher de personalidade forte. Além disso, talvez a dama não fosse a Sra. Capadose; talvez o coronel tivesse trazido alguma amiga curiosa, alguém que quisesse uma pintura para o próprio marido. De qualquer modo, o que estavam fazendo na cidade naquele momento? Lyon tomou o caminho do estúdio com certa curiosidade; especulou vagamente o que seus

amigos pretenderiam. Empurrou para o lado a cortina que pendia na porta de comunicação — a porta que abria para a galeria, construída de modo conveniente, numa época em que o estúdio havia sido acrescentado à casa. Quando digo que empurrou para o lado, deveria corrigir minha frase; pôs a mão sobre ela, mas, nesse exato instante, foi detido por um som bastante singular. Vinha do chão da sala sob os seus pés e o espantou bastante, consistindo aparentemente num lamento apaixonado — uma espécie de grito abafado — acompanhado de um violento espasmo de lágrimas. Oliver Lyon ouviu atentamente por um momento, e então passou à sacada, que era coberta por um velho e grosso tapete mourisco. Seus passos não produziam ruído, apesar de não se ter esforçado para tanto, e, depois desse primeiro instante, viu-se na situação de não resistir à tentação de tirar proveito do acaso de não haver atraído a atenção das duas pessoas no estúdio, que estavam a cerca de seis metros abaixo dele. Na realidade, encontravam-se tão profunda e estranhamente ocupadas uma com a outra que sua desatenção era compreensível. A cena que se desenrolou diante dos olhos de Lyon foi das mais extraordinárias já contempladas por ele. Certo pudor e o fracasso em compreendê-la a princípio o impediram de interrompê-la, pois o que via agora era uma mulher que se atirara ao peito do companheiro enquanto se entregava a um choro convulsivo — e essas influências foram seguidas, um minuto depois (os minutos eram muito poucos e muito curtos), por um motivo muito claro que agora o obrigava a recuar um passo para trás da cortina. Posso acrescentar que também o levou a se aproveitar para observar mais detidamente através de uma fenda que abriu ao separar as duas metades da cortina. Tinha perfeita consciência do que estava prestes a fazer: assumir o papel de alcoviteiro, de espião, mas também sabia que algo muito estranho, a que por acaso tivera acesso, estava prestes a acontecer, e de que, se em alguma medida não lhe dizia respeito, por outro lado aquilo

decididamente tinha a ver com ele. Sua observação e suas reflexões se resolveram num segundo.

Seus visitantes estavam no meio do aposento: a Sra. Capadose se agarrava ao marido, chorando, soluçando, como se seu coração fosse se partir. O sofrimento dela era algo terrível aos seus olhos, mas seu espanto foi maior do que seu horror ao ouvir o coronel reagir à cena com as seguintes palavras, murmuradas com veemência: "Maldito, maldito, maldito!" O que diabos havia acontecido? Por que ela soluçava e a quem ele amaldiçoava? O que havia acontecido — ele se deu conta no instante seguinte — foi que o coronel finalmente encontrara seu retrato inacabado (sabia o local onde o artista costumava colocá-lo, num canto, com a tela voltada para a parede) e o colocara diante da esposa, depois de apoiá-lo num cavalete vazio. Ela o olhara por alguns minutos e então — aparentemente — o que enxergara nela havia produzido um acesso de consternação e de ressentimento. Estava ocupada demais em soluçar e ele ocupado demais em consolá-la e em reiterar sua condenação, para olharem à volta ou para cima. A cena era de tal modo inesperada para Lyon que não pôde tomá-la, ali na hora, como uma prova do triunfo de sua mão, de um enorme sucesso: podia apenas especular do que afinal aquilo se tratava. A ideia do triunfo veio um pouco depois. Mas ele podia ver o retrato de onde se encontrava; estava impressionado com a ideia que transmitia de algo vivo — não imaginara que fosse tão magistral. A Sra. Capadose libertou-se repentinamente do marido — jogou-se na cadeira mais próxima, enterrou a cabeça nos próprios braços, debruçada sobre uma mesa. Seu choro subitamente deixou de ser escutado e ela estremeceu, como se dominada pela angústia e pela vergonha. O marido permaneceu olhando para o quadro durante um minuto. Então foi até ela, inclinou-se na sua direção, abraçou-a e a acalmou.

— O que é, querida? Que diabo é isso?

Lyon escutou a resposta.

— É cruel. Ah, é cruel demais!

— Maldito, maldito, maldito! — repetiu o coronel.

— Está tudo ali, está tudo ali! — continuou a Sra. Capadose.

— Droga, como assim... está tudo ali?

— Tudo o que não deveria estar, tudo o que ele viu, é horrível!

— Tudo o que ele viu? Como assim, não sou um sujeito bem-apegoado? Ele me fez até bastante bonito.

A Sra. Capadose se colocara de pé novamente. Tinha lançado outro olhar para aquela traição que assumira a forma de uma pintura.

— Bonito? Horrendo, horrendo! Não, isso não, nunca, nunca!

— Em nome de Deus, isso não, o quê? — quase gritou o coronel. Lyon podia ver seu rosto ruborizado, perplexo.

— O que ele fez de você. Como pode saber? Ele sabe, ele viu. Todos vão saber, todos vão ver. Imagine esta coisa na Academia!

— Está se descontrolando, querida, mas, se odeia esta coisa, o quadro não precisa ir.

— Ah, ele vai mandá-lo. É tão bom! Vamos, vamos! — lamentou-se a Sra. Capadose, puxando o marido.

— É tão bom? — exclamou o pobre homem.

— Vamos, vamos — ela apenas repetia, e virou-se na direção da escada que subia para a galeria.

— Por aqui, não. Não passando pela casa, nesse estado em que você se encontra — Lyon ouviu o coronel objetar. — Por aqui podemos passar — acrescentou.

E conduziu sua mulher por uma pequena porta que dava para o jardim. Estava trancada, mas ele puxou a tranca e abriu a porta. Ela saiu rapidamente, mas ele se deixou ficar parado ali, olhando para trás, na direção do aposento.

— Espere um momento! — exclamou na direção dela e, com uma passada enérgica, entrou novamente no estúdio.

Aproximou-se do quadro novamente e, mais uma vez, ficou a observá-lo.

— Maldito, maldito, maldito! — disparou novamente.

Não estava claro para Lyon se a maldição tinha como alvo o original ou o pintor do retrato. O coronel virou-se e se deslocou rapidamente pelo aposento, como se procurasse por algo; até aquele momento, Lyon não conseguira adivinhar sua intenção. Então, o artista disse para si mesmo, murmurando: "Ele vai destruir o quadro!" Seu primeiro impulso foi descer até lá e impedi-lo; mas se deteve com o som dos soluços de Everina Brant ainda ressoando em seus ouvidos. O coronel encontrou o que procurava — achou-o em meio a alguns objetos largados sobre uma pequena mesa — e correu de volta para o cavalete. Naquele exato instante, Lyon se deu conta de que o objeto que havia agarrado era um pequeno punhal oriental e que o tinha cravado na tela. Parecia tomado por uma fúria repentina, pois, com um gesto extremamente vigoroso, arrastara o instrumento para baixo (Lyon sabia que sua lâmina não era afiada), abrindo um longo e abominável rasgo. Então arrancou-o fora e apunhalou de novo várias vezes o rosto do retrato, exatamente como se esfaqueasse uma vítima humana: o efeito era o mais estranho possível — uma espécie de suicídio figurativo. Poucos segundos depois, o coronel havia atirado longe o punhal — olhou-o como se esperasse que estivesse sujo de sangue — e apressou-se a deixar o local, fechando a porta ao sair.

O mais estranho de tudo — como, sem dúvida, ficará claro — foi o fato de Oliver Lyon não ter feito um movimento sequer para salvar o quadro. Mas não se sentia como se o estivesse perdendo ou como se não se importasse com isso; era mais como se adquirisse uma certeza. Sua antiga amiga estava envergonhada do marido, e ele fizera com que se sentisse assim, e havia obtido um grande sucesso, ainda que o quadro estivesse reduzido a trapos. A revelação

o tinha arrebatado de tal forma — como, na realidade, toda aquela cena — que, ao descer as escadas depois que o coronel saíra, estava tremendo, tomado pela agitação e pelo sentimento de felicidade. Sentia-se zozno e precisou sentar por um momento. O retrato apresentava uma dúzia de ferimentos — o coronel literalmente o deixara em pedaços. Lyon deixou-o onde se encontrava. Em nenhum momento tocou nele e mal lançou-lhe um olhar; apenas andou para lá e para cá pelo estúdio durante uma hora, ainda exaltado. Ao fim desse período, sua governanta apareceu, aconselhando-o a fazer uma refeição; havia uma passagem sob a escada ligando o aposento aos escritórios.

— Ah, o cavalheiro e a senhora já saíram, senhor? Eu não ouvi.

— Sim, eles saíram pelo jardim.

Mas ela se detivera, olhando com espanto o quadro no cavalete.

— Meu Deus! O que fez com ele, senhor?

Lyon imitou o coronel.

— Sim, eu o cortei, tomado pela repulsa.

— Misericórdia! Depois de todo o trabalho que teve! Foi porque eles não ficaram satisfeitos, senhor?

— Sim. Eles não ficaram satisfeitos.

— Bem, devem ser gente muito importante! Imagina se eu faria algo assim!

— Mande arrebentar tudo. Vai servir para alimentar a lareira — disse Lyon.

Voltou para o campo no trem das 15h30 e, poucos dias depois, viajou para a França. Durante os dois meses em que se ausentou da Inglaterra, esperou por algo — dificilmente poderia saber pelo quê; por algum tipo de manifestação da parte do coronel. Será que não escreveria, não explicaria, não adivinharia que Lyon havia descoberto a maneira como se vingara e não julgaria pelo menos decente lamentar, de alguma forma, seu ato desconcertante? Iria admitir

sua culpa ou repudiar aquela suspeita? A segunda possibilidade se revelaria problemática e exigiria bastante de sua engenhosidade, em vista do testemunho irrefutável da governanta de Lyon, que recebera os visitantes e estabeleceria o vínculo entre a presença deles e a violência cometida. Emitiria o coronel algum tipo de desculpa ou ofereceria alguma compensação, ou qualquer nova palavra de sua parte se limitaria a mais uma manifestação da petulância destrutiva que nosso amigo tinha visto a esposa transmitir-lhe de forma tão enérgica e repentina? Teria de declarar que não havia encostado no quadro ou de admitir que o fizera, e em qualquer dos casos precisaria contar uma excelente história. Lyon esperava com impaciência pela história e, como não chegara nenhuma carta, mostrou-se desapontado por ela não ter sido produzida. Contudo, sua impaciência era bem maior em relação à versão da Sra. Capadose, se é que haveria uma versão; pois certamente esse seria o verdadeiro teste, mostrando até que ponto iria pelo marido por um lado, ou até onde iria por ele, Oliver Lyon, por outro. Mal podia esperar para ver que linha iria seguir: se adotaria simplesmente a do coronel, fosse ela qual fosse. Queria descobrir a posição dela sem precisar esperar, ter antecipadamente uma ideia a respeito. Com esse objetivo, escreveu-lhe de Veneza, no tom ditado pela amizade estabelecida entre ambos, pedindo notícias, contando suas andanças, dizendo esperar que logo se reencontrassem na cidade e sem dizer uma palavra a propósito do retrato. Depois disso, os dias se passaram, e não recebeu resposta alguma, tendo refletido então que ela não estava em condições de escrever — encontrava-se ainda sob o efeito da emoção produzida por sua “traição”. Seu marido havia assumido essa emoção, e ela, a ação decorrente por ele praticada. Tratava-se de um rompimento completo e tudo estava terminado. Lyon considerou essa possibilidade um tanto amargurado, ao mesmo tempo em que considerava deplorável que pessoas tão encantadoras pudessem equivocar-se de

modo tão absoluto. Finalmente, sentiu-se reanimado, porém não esclarecido, pela chegada de uma carta, breve, porém marcada pelo bom humor, e que não deixava entrever nenhum ressentimento, nem peso algum na consciência. Para Lyon, a parte mais interessante consistia nas seguintes palavras: “Tenho uma confissão a lhe fazer. Estivemos na cidade por alguns dias, em 1º de setembro, e aproveitei a oportunidade para desafiar sua autoridade — foi muito errado da minha parte, mas não consegui evitar. Fiz com que Clement me levasse ao seu estúdio — tinha muita vontade de ver o que você fizera com ele, apesar de seus desejos em contrário. Pedimos aos seus criados que nos deixassem entrar e dei uma boa olhada no quadro. É realmente maravilhoso!” “Maravilhoso” era uma expressão evasiva, mas pelo menos não se tratava de um rompimento.

O terceiro dia depois da volta de Lyon a Londres foi um domingo, de modo que ele pôde convidar a Sra. Capadose para almoçar. Na primavera, ela o convidara sem se restringir a uma data específica e ele fizera proveito disso várias vezes. Essas foram as ocasiões (antes que ele viesse a posar para o retrato) em que vira o coronel em condições de maior familiaridade. Logo após a refeição, seu anfitrião desaparecia, e a segunda meia hora era a melhor, quando havia outras pessoas. Agora, nos primeiros dias de dezembro, Lyon teve a sorte de encontrar o casal a sós, inclusive sem Amy, que raramente aparecia em público. Estavam na sala, esperando que o almoço fosse anunciado, e, assim que ele chegou, o coronel disse:

— Meu caro, estou encantado em vê-lo! Mal posso esperar a hora de recomeçar.

— Oh, por favor, continue sim, está tão bonito — disse a Sra. Capadose ao lhe estender a mão.

Lyon olhou ora para um, ora para outro, não sabia o que tinha esperado, mas não era por isso.

— Ah, então acham que captei algo?

— Você captou tudo — disse a Sra. Capadose, sorrindo com seus olhos castanhos.

— Ela escreveu a você contando a respeito do pequeno crime que cometemos? — perguntou seu marido. — Ela me arrastou até lá, e eu tive de ir.

Lyon ficou a imaginar por um momento se por um pequeno crime ele se referia ao ataque à tela, mas as palavras seguintes do coronel não confirmaram esta interpretação.

— Sabe que gosto de posar; é uma ótima oportunidade para tagarelar. E agora disponho de tempo.

— Deve se lembrar de que já o tinha quase terminado.

— Que seja! É mais uma razão. Gostaria de começar de novo.

— Meu caro, eu também vou precisar começar de novo! — disse Oliver Lyon, com uma risada, olhando para a Sra. Capadose. Os olhos dela não cruzaram com os seus.

— O quadro foi destruído — continuou Lyon.

— Destruído? Ah, para que fez isso? — perguntou agora a Sra. Capadose, de pé diante dele, em toda a sua beleza cristalina, exuberante. Agora que ela o olhava, mostrava-se inescrutável.

— Não fiz nada. Eu o encontrei assim, com vários rasgos abertos nele!

— Meu Deus! — exclamou o coronel.

Lyon voltou seus olhos para ele, sorrindo.

— Espero que não tenha sido você... ou foi?

— Está destruído? — perguntou o coronel. Mostrava-se tão sincero quanto sua esposa e dava a impressão de simplesmente ser incapaz de levar a sério a pergunta de Lyon. — Por gostar tanto de posar para você? Meu caro, se tivesse pensado nisso, acho que o teria feito!

— Nem você? — o pintor perguntou à Sra. Capadose.

Antes que tivesse tempo de responder, seu marido a tinha pego pelo braço, como se uma ideia altamente sugestiva lhe tivesse ocorrido.

— Ora, querida, aquela mulher, aquela mulher!

— Aquela mulher? — repetiu a Sra. Capadose, e também Lyon ficou imaginando de que mulher se tratava.

— Não se lembra de que, ao sairmos, ela estava junto da porta, ou um pouco distante dela? Eu falei a você dela; contei a respeito dela. Geraldine e Granadine, aquela que chegou de repente naquele dia — explicou a Lyon. — Nós a vimos andando por aí. Eu chamei a atenção de Everina para ela.

— Está dizendo que ela atacou meu quadro?

— Ah, sim, lembro — confirmou a Sra. Capadose com um suspiro.

— Ela entrou de novo na casa, tinha aprendido o caminho, estava esperando pela oportunidade — continuou o coronel. — Ah, a miserável!

Lyon baixou os olhos; percebeu que estava ficando ruborizado. Era por isso que estivera esperando — o dia em que o coronel acabaria por sacrificar gratuitamente uma pessoa inocente. E seria sua mulher conivente com essa atrocidade final? Nas semanas anteriores, Lyon tinha lembrado a si mesmo repetidamente que, quando o coronel cometera aquele ato infame, sua esposa já havia deixado o aposento. Mas contra-argumentara — tinha disso certeza absoluta — que, ao se unir a ela, havia imediatamente lhe contado o que fizera. Estava tomado ainda pela exaltação do ato; e, mesmo que não o tivesse mencionado, ela o teria adivinhado. Nem por um instante sequer, acreditou que a pobre Srta. Geraldine estivera rondando sua porta, nem se deixara enganar pelo relato do coronel a respeito de suas relações com aquela dama no verão anterior. Lyon jamais a vira antes do dia em que se havia plantado em seu estúdio;

mas ele a conhecia e a considerava como se já a tivesse pintado. Estava familiarizado com as modelos londrinas em todas as suas variedades — em todas as etapas de seu desenvolvimento e a cada passo rumo à decadência. Quando ele entrou em sua casa naquela manhã de setembro, logo após a chegada de seus dois amigos, não tinha percebido nenhum indício que fosse, de um lado ou de outro da estrada, do reaparecimento da Srta. Geraldine. Esse fato ficara marcado em sua mente ao se lembrar das circunstâncias que encontrara quando a cozinheira lhe disse que uma senhora e um cavalheiro estavam no estúdio: lembrava-se de ter reparado que não havia nem uma charrete, nem uma carruagem de aluguel parada diante de sua porta. Então, refletira que deviam ter vindo de trem; sua casa ficava perto da estação Marlborough Road e sabia que o coronel, visitando sua propriedade, mais de uma vez havia tirado proveito daquela comodidade.

— Como diabos ela entrou? — indagou, dirigindo a pergunta a ambos, indiferentemente.

— Vamos descer para almoçar — disse a Sra. Capadose, saindo do aposento.

— Fomos pelo jardim, sem incomodar sua criada; eu queria mostrar à minha mulher.

Lyon seguiu sua anfitriã com o marido e o coronel o deteve no alto da escadaria.

— Meu caro, não poderia ser eu o culpado pela tolice de não ter passado a tranca na porta?

— Tenho certeza de que não sei, coronel — disse Lyon enquanto desciam. — Foi obra de uma mão bastante determinada, alguém totalmente desvairado.

— Bem, ela é uma desvairada. Diabos a levem! Era por isso que queria afastá-lo dela.

— Mas não compreendo qual o seu motivo.

— Está fora de si, e me odeia. Esse era o motivo dela.

— Mas ela não me odeia, meu caro! — retrucou Lyon, rindo.

— Ela odiou o quadro. Não lembra que ela disse isso? Quanto mais retratos desses existirem, menos trabalho haverá para mulheres como ela.

— Sim, mas, se ela não for realmente a modelo que finge ser, como isso pode prejudicá-la? — perguntou Lyon.

A pergunta por um momento deixou perplexo o coronel, mas só por um momento.

— Ah! Ela já não sabia o que fazia! Como disse, ela perdeu a cabeça!

Dirigiram-se à sala de jantar, onde a Sra. Capadose estava ocupando seu lugar.

— Que coisa horrível, absolutamente terrível! — exclamou ela. — Vejo que os deuses estão contra você. A providência não permitirá que seja tão desinteressado; que pinte obras-primas a troco de nada.

— Você viu a mulher? — perguntou Lyon, com uma severidade que não conseguiu amenizar.

A Sra. Capadose pareceu não perceber ou, se o fez, não levou em consideração.

— Havia uma pessoa, não longe da porta, quando Clement chamou minha atenção para ela. Disse algo a respeito dela, mas estávamos caminhando na direção oposta.

— E acha que ela fez aquilo?

— Como posso saber? Se fez, a pobre coitada estava louca.

— Gostaria muito de pôr as mãos nela — disse Lyon.

Essa era uma declaração falsa, pois não tinha o menor interesse em ter qualquer nova conversa com a Srta. Geraldine. Ele havia desmascarado seus amigos para si mesmo, mas não tinha nenhuma vontade de expô-los a mais ninguém, muito menos para eles mesmos.

— Ora, pode estar certo de que ela nunca mais vai dar as caras. Você está em segurança! — exclamou o coronel.

— Mas eu me lembro do endereço dela: Mortimer Terrace Mews, Notting Hill.

— Ah, isso é conversa fiada; não existe esse lugar.

— Deus meu, que impostora! — exclamou Lyon.

— Suspeita de mais alguém? — continuou o coronel.

— Absolutamente ninguém.

— E o que os seus criados dizem?

— Dizem que não foram eles, e eu respondo que nunca disse que tinha sido. Nossas conversas sobre o assunto se resumem a isso.

— E quando descobriram o estrago?

— Nunca descobriram. Eu que percebi primeiro, quando voltei.

— Bem, ela poderia muito bem ter entrado — disse o coronel.

— Não lembra como apareceu de repente, assim, do nada?

— Sim, sim, poderia ter feito o serviço em três segundos, a não ser pelo fato de que ele não estava à mostra.

— Meu caro amigo, não me amaldiçoe! Mas é claro que o tirei de onde estava.

— Não o colocou de volta? — perguntou Lyon, tragicamente.

— Ah, Clement, Clement, não falei para você guardá-lo? — exclamou a Sra. Capadose, como se o repreendesse delicadamente.

O coronel murmurou uma desculpa. De modo dramático, cobriu o rosto com as mãos. Para Lyon, as palavras da esposa foram o toque final; aquilo fez com que toda sua visão desmoronasse — sua teoria de que, secretamente, ela seguia sendo sincera. Mesmo para seu velho amante, ela não o seria! Sentia-se nauseado; não conseguia comer; sabia que estava parecendo muito estranho. Murmurou algo sobre ser inútil chorar sobre leite derramado — tentou desviar a conversa para outros assuntos. Mas aquilo exigia dele um grande esforço e imaginou se o mesmo se dava com eles. Ficou imaginan-

do toda espécie de coisas: se pressentiam que não acreditava neles (que ele os vira, isso, é claro, nunca poderiam imaginar); se haviam combinado suas histórias antecipadamente ou se tinha sido apenas uma inspiração de momento; se ela havia resistido, protestado, quando o coronel lhe propôs aquilo, e então aquilo lhe fora imposto; se, numa palavra, ela não abominava a si mesma enquanto estava ali. A crueldade, a covardia de associar o lamentável ato dos dois àquela pobre mulher, pareceu-lhe monstruosa — na realidade, não menos monstruosa que a leviandade que podia fazer com que corressem o risco de fazer com que ela, em sua justa indignação, viesse a desmascarar a mentira deles. É claro que esse risco poderia apenas inocentá-la, e não incriminá-los — as probabilidades tendiam a protegê-los de modo bastante conveniente; e aquilo com que o coronel contava (aquilo com que teria contado no dia em que se pronunciou, ao vê-la pela primeira vez, no estúdio, se tivesse então chegado a pensar a respeito da questão, e não falado, movido apenas por seu instinto) era simplesmente que a Srta. Geraldine havia desaparecido em seu paradeiro desconhecido. Lyon desejava de tal modo deixar de lado aquele assunto que, quando, pouco depois, a Sra. Capadose lhe perguntou: “Mas nada pode ser feito? O quadro não pode ser reparado?” Ele retrucou apenas:

— Não sei, não me importo, já acabou, *n'en parlons plus!*

A hipocrisia dela o deixou revoltado. E, ainda assim, a pretexto de puxar o derradeiro véu a cobrir sua vergonha, voltou-se novamente para ela pouco depois:

— E você gostou mesmo dele, de verdade?

Ao que ela retrucou, olhando-o bem de frente, sem o menor rubor sequer, sem empalidecer, sem evasivas:

— Ora, eu o adorei!

Realmente o marido a treinara bem. Depois disso, Lyon não disse mais nada e seus acompanhantes temporariamente abstiveram-se

de insistir no assunto, como pessoas que demonstravam tato e sensibilidade, conscientes de que o acidente odioso o magoara.

Ao deixarem a mesa, o coronel se afastou, sem subir ao andar de cima; mas Lyon voltou à sala de estar com sua anfitriã, observando-lhe no caminho, no entanto, que só poderia ficar por mais um momento. Passou aquele momento — aquele intervalo se estendeu um pouco por si mesmo — com ela diante da lareira. Ela nem se sentou, nem o convidou a se sentar, sua atitude anunciava que ela pretendia sair do aposento. Sim, o marido a treinara bem; mas, mesmo assim, Lyon sonhava com um momento, agora que estavam a sós, no qual ela talvez desmoronasse, se retratasse, se desculpasse, fizesse uma confidência, dissesse a ele: “Meu amigo querido, me perdoe por essa farsa odiosa — você entende!” E então, como a teria amado e sentido compaixão por ela, e a teria protegido, e sempre a ajudado! Se não estava pronta a fazer algo desse tipo, por que o teria tratado como se fosse um velho e querido amigo? Por que teria deixado que durante meses alimentasse certas suposições — ou quase; por que teria ido dia após dia ao seu ateliê, tomando como pretexto o retrato de sua filha, como se gostasse de imaginar como as coisas poderiam ter sido? Por que ela teria chegado tão perto de fazer uma confissão tácita, numa palavra, se não estava disposta a avançar um centímetro sequer a mais? E não estava disposta — não estava; podia ver isso enquanto permanecia ali. Ela se movimentou ao acaso pelo aposento, mudando de lugar dois ou três objetos sobre as mesas, mas nada fez além disso. De repente, ele lhe disse:

— Em que direção ela estava indo quando você saiu?

— Ela, a mulher que vimos?

— Sim, a estranha amiga de seu marido. É um detalhe que merece atenção.

Não tinha nenhuma intenção de assustá-la; queria apenas transmitir-lhe o impulso que a faria dizer: “Ah, poupe-me — poupe-me! Não existia essa pessoa.”

Em vez disso, a Sra. Capadose retrucou:

— Ela estava se afastando de nós, atravessando a estrada. Estávamos indo na direção da estação.

— E ela pareceu reconhecer o coronel? Ela olhou a sua volta?

— Sim, ela olhou a sua volta, mas não dei muita atenção. Um cabriolé se aproximou e nós entramos nele. Foi só então que Clement me disse quem era ela: eu me lembro de ouvi-lo dizer que não era de se esperar nada de bom da presença dela. Acho que deveríamos ter voltado.

— Sim, teriam salvo o quadro.

Por um momento, ela nada disse; então sorriu.

— Sinto muito por você. Mas deve se lembrar de que possuo o original!

A isso, Lyon reagiu, afastando-se.

— Bem, preciso ir — disse.

E deixou-a sem qualquer palavra de despedida, tomando o caminho para sair da casa. Enquanto descia lentamente a rua, voltou-lhe à mente a noção que tivera naquele primeiro vislumbre dela em Stayes — o modo como a vira olhar através da mesa na direção do marido. Lyon se deteve na esquina, olhando vagamente de um lado para o outro. Jamais voltaria — não seria capaz disso. Ela ainda estava apaixonada pelo coronel — ele a havia treinado muito bem.

